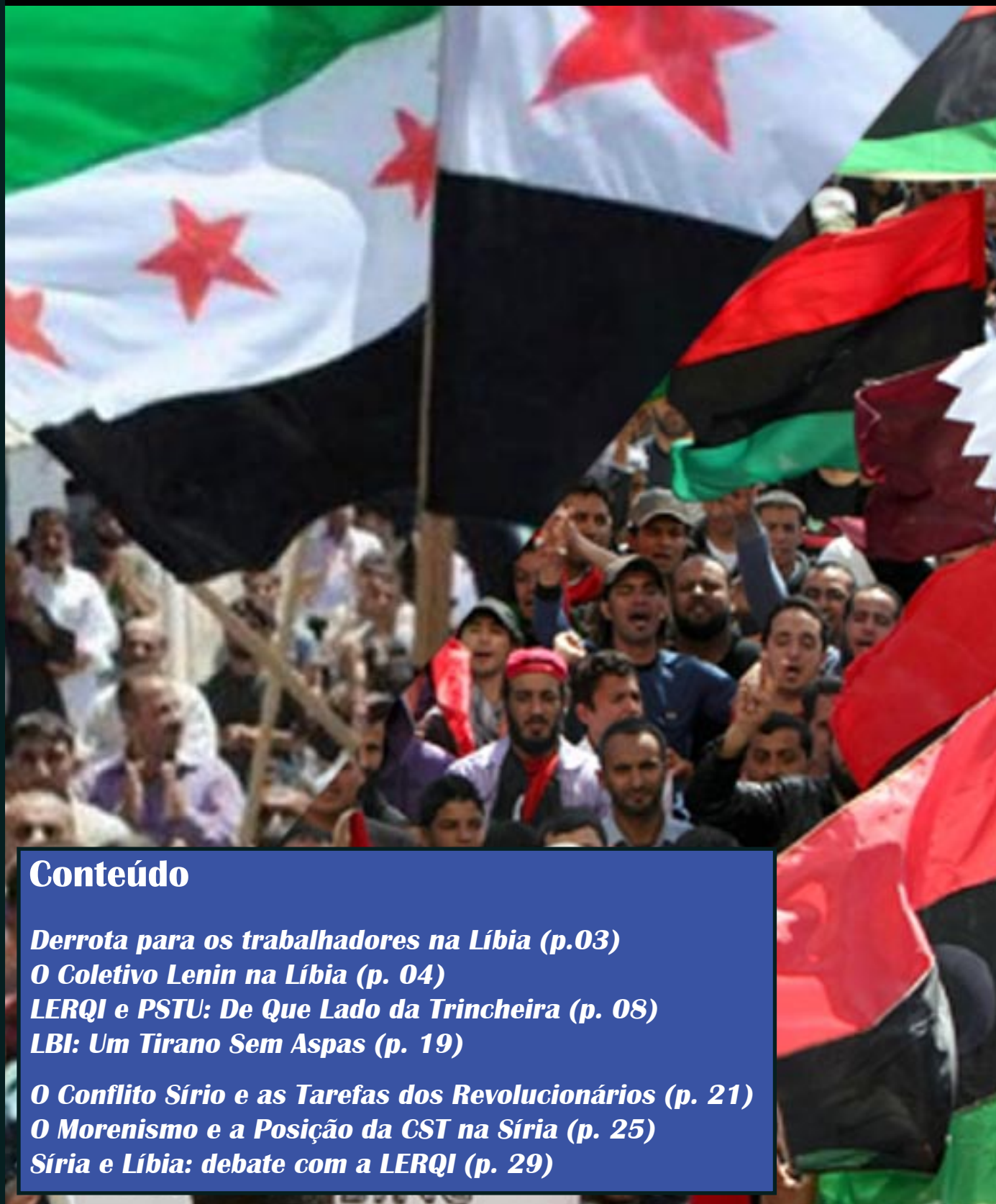
Síria / Líbia e a esquerda

REAGRUPAMENTO REVOLUCIONÁRIO
Livreto - Primeiro trimestre de 2014

Conteúdo

Derrota para os Trabalhadores na Líbia

Combater o Governo do Conselho Nacional e o Imperialismo!

Declaração publicada em setembro de 2011

Kadafi foi um tirano que oprimiu a classe trabalhadora da Líbia por mais de quatro décadas. Sob a fachada de algumas nacionalizações progressivas contra a burguesia imperialista na década de 1970, enganou os operários e oprimidos e garantiu a manutenção do capitalismo no país sob as formas mais brutais. Após a década de 1980, alargou seus laços com os países centrais do capitalismo, sobretudo a Itália, e removeu passo a passo até as pequenas medidas progressivas que havia realizado. Apesar disso, sua derrota por uma coalizão dominada por setores da burguesia nacional – o Conselho Nacional de Transição (incluindo líderes tribais, monarquistas e militares anteriormente aliados a Kadafi) – e o poderio militar da OTAN (organização militar dos países imperialistas) foi uma derrota para os trabalhadores.

Os trabalhadores não poderiam ter nenhuma segurança com Kadafi. Era necessário preparar a cada momento a sua derrubada revolucionária, que poderia criar um governo operário revolucionário de liberdade, encerrando as condições de pobreza e exploração do povo, e de igualdade, principalmente para as mulheres de um país que era, e continua sendo, marcado pela opressão. Entretanto, e apesar das ilusões de muitos dentro e fora da esquerda, o governo que agora vai dominar a Líbia nada tem a ver com isso, muito pelo contrário. É um governo com laços próximos aos países que exploram a Líbia, um governo que não mediu esforços (sacrificando a população) em busca de seus próprios interesses mesquinhos de exploração dos trabalhadores, quando chamou a OTAN a intervir militarmente no país. A vitória do CNT sob a tutela da OTAN vai intensificar a exploração imperialista sobre a Líbia e manter a opressão às mulheres e outros setores.

Era papel dos revolucionários na Líbia e nos outros países desde o começo quebrar as ilusões nesse Conselho. O movimento de massas que ele passou a dominar deveria encarar a sua liderança, programa e trajetória reacionários – concluindo, assim, que as promessas do CNT por democracia não mereciam confiança alguma. Os trabalhadores não deveriam lutar do mesmo lado que os setores militares, tribais e monarquistas que tomaram metade do país e se enfrentavam com Kadafi desde fevereiro. Apoio ao CNT quando este tomou o poder em Bengasi (e outras cidades do Leste do país) seria uma traição contra a classe proletária. Essa era uma guerra civil entre frações equivalentes da burguesia líbia, cada uma dominando parte do país e onde a defesa da classe trabalhadora não estava associada a tomar o mesmo lado militar de algum dos combatentes. Era uma luta, portanto, que não dizia respeito aos proletários, os quais deveriam lutar por uma via classista.

Com o apoio militar dos países imperialistas ao Conselho Nacional Transitório a partir de meados de março, a situação mudou. Tornou-se necessário formar um bloco tático entre o movimento dos trabalhadores e os setores burgueses do governo de Kadafi que fossem contra o ataque imperialista, que tinha o interesse de impor uma opressão qualitativamente maior sobre os trabalhadores do país. O objetivo imediato dos revolucionários era vencer o bloco CNT/OTAN, mas isso não mudava a sua perspectiva de preparar a derrubada de Kadafi ao mesmo tempo em que a ameaça imperialista era vencida. Em suas táticas, os revolucionários jamais devem colocar de lado a luta pelo socialismo. Os trabalhadores revolucionários na Líbia deveriam dizer: ***"Não vamos deixar os imperialistas derrubarem Kadafi, porque isso é tarefa nossa!"***.

Os setores amplos da esquerda que consideram a vitória do CNT (em razão de uma base de massas possuir ilusões em suas promessas) como uma vitória dos trabalhadores, enganam cruelmente a vanguarda que se reivindica revolucionária. Como se não fosse suficiente dar apoio a uma insurreição liderada pela burguesia reacionária da Líbia, esses demagogos ignoram o fato de que essa "vitória dos trabalhadores" foi apoiada pelo imperialismo.

Invertem a lógica da luta de classes e passam a defender que o imperialismo pode ser um aliado na luta dos trabalhadores. Os revolucionários, porém, tem a tarefa de dizer a verdade por mais amarga que ela possa ser. Somente assim podemos ser coerentes diante das tarefas que se colocam diante de nós na luta pela revolução proletária.

Reagrupamento Revolucionário

Blog temporário: reagrupamento-rr.blogspot.com
Site (com seção em português): regroupment.org

Rio de Janeiro: Cx. Postal 50001 - RJ, 20050-971
reagrupamento.revolucionario@gmail.com
Nova York: P.O. Box 542 - Brooklyn, NY, 11204
revolutionary_regroupment@yahoo.com

O Coletivo Lenin na Líbia e as Tarefas dos Revolucionários

Setembro de 2011

Na época em que a guerra civil estourou, assim como no início dos ataques aéreos da OTAN, fomos incapacitados de dar uma resposta pública coerente sobre este tema porque estávamos engajados em uma luta fracional com a maioria do Coletivo Lenin (confira nossa carta de ruptura *O Coletivo Lenin é Destruído pelo Revisionismo!*), que teve uma posição traiçoeira diante destes eventos. Como verdadeiros leninistas, respeitamos o princípio do centralismo democrático e discutimos nossas posições apenas internamente. Agora temos a oportunidade de publicar alguns trechos de nossa polêmica interna, que denunciam a degeneração do Coletivo Lenin enquanto organização revolucionária.

A posição atual do Coletivo Lenin, *após a ocupação imperialista*, é correta no fundamental, mas pode ser usada para tentar disfarçar a adaptação centrista que o grupo teve diante da guerra civil em seus primeiros momentos. Naquela época, o atual líder do Coletivo, Paulo Araújo, tinha amplas ilusões com o CNT, defendendo que ele tinha “formas democráticas” e que iria garantir a democracia para o povo líbio. Paulo Araújo defendeu que era necessário apoiar a derrubada de Kadafi pelo CNT e que era necessário tomar o lado militar do governo de Bengasi. Ignorava, portanto, o programa, trajetória e liderança do movimento liderado pelo Conselho e o fato de que sua dominação de metade do país era um regime inimigo dos proletários, além do fato de este governo chamar pela “ajuda” da OTAN.

Curiosamente, depois da ocupação imperialista chamada pelo CNT, o Coletivo Lenin deu um giro de 180 graus, passando para o outro extremo da barricada. Antes, Paulo Araújo chamava os trabalhadores a darem seu sangue por líderes traidores que supostamente lhes dariam democracia para, logo depois, dizer que era necessário lutar contra estes “democratas” armados com o fuzil imperialista. Esse é um típico ziguezague centrista baseado em apoiar um movimento que conta com certa popularidade enquanto se ignora o seu programa e liderança burgueses para depois, quando a liderança do movimento executa seu programa, “descobrir ingenuamente” que ele tem um conteúdo reacionário.

Para clarificar a posição do Reagrupamento Revolucionário, pautada na elaboração de nossa tendência dentro do Coletivo Lenin, estamos publicando trechos de um documento interno que escrevemos na época. O documento intitulado “*Dilma e Líbia: Dois Sintomas de Uma Doença Revisionista”* fazia um paralelo entre a posição de Paulo Araújo no conflito líbio e sua posição de “apoio crítico” a Dilma nas eleições brasileiras de 2010. Para facilitar a compreensão do conteúdo do texto, limitamos nossa publicação a trechos que dizem respeito à guerra civil líbia, fazendo pequenas modificações indicadas entre colchetes. É importante ressaltar que o texto discute a posição do Coletivo Lenin no momento ***anterior*** aos ataques aéreos da OTAN em apoio ao CNT e com o objetivo de estabilizar a situação no país. Nossas perspectivas com relação ao CNT, e os erros do Coletivo Lenin, podem ser facilmente comprovados pelo curso posterior dos acontecimentos.

Os trechos a seguir foram extraídos do documento interno “Dilma e Líbia: Dois Sintomas de uma Doença Revisionista”, publicado em abril de 2011 pela tendência de Rodolfo Kaleb e Leandro Torres no Coletivo Lenin. As fontes consultadas para a primeira parte do texto foram o site do governo do Conselho Nacional Transitório líbio (que continha todas as declarações públicas feitas por este até então) e também a versão em inglês da Wikipédia. Para saber mais sobre a posterior ruptura dessa tendência com o CL, conferir *Morre um embrião para a reconstrução da Quarta Internacional - O Coletivo Lenin é destruído pelo revisionismo!* (julho de 2011).

***

Um resumo dos acontecimentos na Líbia

Antes de partir para a interpretação das posições políticas é necessário conhecer concretamente [a trajetória] dos fatos. Esse é um componente fundamental do materialismo histórico e portanto base de qualquer análise marxista. Em fins de janeiro houve os primeiros chamados a uma rebelião contra Kadafi após a queda dos ditadores na Tunísia e Egito. Os confrontos começaram em 15 de fevereiro com uma passeata de 500 pessoas em frente ao quartel policial de Bengasi, que foi reprimida violentamente. O processo se alastra por outras três cidades do leste do país. Também em 15 de fevereiro acontece o primeiro encontro para organizar a Oposição – a Conferência Nacional da Oposição Líbia, que chama uma manifestação para o dia 17 de fevereiro.

Forma-se o exército da Oposição a partir de deserções das forças armadas e derrubam-se vários quartéis policiais e do exército na região leste do país no dia 17, “coincidindo” com o dia das manifestações. A oposição também toma controle dos meios de comunicação das cidades tomadas e começa a ganhar largo apoio dos setores populares. No dia 18 já estão sob controle da Oposição Bengasi e outras cidades menores no leste. O movimento oposicionista é composto por muitos setores populares, além de professores, estudantes e petroleiros. Kadafi acusa os rebeldes de receberem ajuda da Al Qaeda. A OTAN diz que houve indícios de atividade da Al Qaeda no exército da Oposição, sem confirmar as acusações. A Oposição negou o fato.

Em 20 de [fevereiro] muitas cidades do leste do país, inclusive Bengasi (segunda cidade do país, importante para o transporte marítimo), estabelecem um governo provisório. Desde essa data, segundo a Oposição, Kadafi tem ordenado para que o exército atirasse contra protestos com o objetivo de dizimar os manifestantes (o número de mortos é completamente incerto, com várias fontes dizendo números muito distintos entre 1000 e 8000 mortos). Também há relatos inúmeros da contratação de exércitos de mercenários nos países próximos para perseguir os manifestantes.

O embrião do CNT se reúne em 24 de fevereiro para organizar o Conselho, ato que se conclui no dia 27. É formado por 31 membros (líderes militares, líderes tribais, empresários e acadêmicos). Seu presidente é Mustafa Abdul Jalil, antigo ministro da justiça de Kadafi. Já nessa primeira reunião, muitos dos líderes do CNT pediram por uma intervenção das Nações Unidas. A importante cidade de Zawiyah (cidade estratégica a meio caminho entre Trípoli e Bengasi) é tomada em 24 de fevereiro. As forças do exército de Kadafi tentam retomar a cidade e são repelidas em 28 de fevereiro. Em 26 de fevereiro a oposição ganha mais duas cidades importantes.

O CNT surge em 27 de fevereiro com o objetivo de ser a "face política da revolução" segundo ele próprio. Em 5 de março ele se intitula o "único representante de toda a Líbia", chamando o Estado de "República Líbia". Ganhariam assentos no CNT apenas as cidades e vilas que ficasse[m] sob controle da Oposição. As identidades dos 31 membros não foram reveladas, apenas o presidente, o porta-voz e dois cargos públicos. O exército do CNT se chama "Exército do Povo Líbio" e é um racha das forças armadas líbias, utilizando as armas pesadas e os tanques capturados. O CNT promete eleições livres e uma nova constituição para o país em suas declarações de 5 de março.

Em 6 de março o jogo começa a virar e Kadafi recupera algumas cidades perdidas, além de parar o avanço do CNT pelo país. Em 10 de março, Kadafi recupera Zawiyah. Em 17 de março a ONU aprova um ultimato exigindo cessar fogo do governo de Kadafi. Em 18 de março Kadafi aceita o cessar fogo mas ocorrem relatos de combate contra o exército da Oposição, com os soldados do governo ainda se aproximando de Bengasi.

A resolução 1.973 da ONU estabelece a criação de uma zona de exclusão aérea (que significa destruir as baterias antiaéreas para permitir tráfego de qualquer aeronave pelo espaço aéreo líbio). Em 19 de março começaram os bombardeios realizados por Inglaterra, França, Itália e Estados Unidos. A ação militar da França se concentrou em proteger as cidades dominadas pela oposição, com o envio de 19 caças da força aérea francesa. Até 22 de março 161 mísseis já haviam sido lançados contra alvos militares do governo líbio por aviões comandados pela OTAN. As forças da OTAN foram bem sucedidas em parar o avanço das forças leais a Kadafi, mas não conseguiram tomar o país e nem permitir o avanço da Oposição. Desde então há especulações sobre um cessar fogo e possíveis acordos entre o governo e a [O]posição diante do conflito estagnado.

[CNT: "Defensores da democracia"?]

No caso líbio, a confiança do camarada Paulo na boa vontade da burguesia se estendeu a uma formação **inteiramente burguesa**, ainda que o camarada Paulo tenha achado em certo momento que era uma frente popular (opinião essa que, por sua "ousadia" organizativa [de postar uma nota no blog da organização sem consultar

Apoiados pelas potências imperialistas via OTAN, rebeldes avançam sobre Trípole (blog El Vicman)

os demais membros ou a Direção Executiva], rendeu ao Coletivo Lenin uma crítica mais do que merecida na imprensa da esquerda). Em um email sobre a questão líbia, Paulo diz:

> "*O que os trabalhadores teriam a ganhar com o CNT? Ora, a democracia burguesa! Essa é a verdadeira polêmica. O companheiro [Rodolfo] subestima a reivindicação democrática e as formas democráticas mantidas pelo CNT"*

Achávamos que democracia era uma ***promessa*** do Conselho Nacional. Promessa essa que um marxista deveria ouvir e em nenhum momento acreditar como verdadeira. Como disse certa vez a Tendência Bolchevique, quando [era] uma organização revolucionária:

> *É um axioma do marxismo que os movimentos sociais e políticos devem ser julgados por sua liderança, programa, trajetória e composição de classe — não pelas ilusões da base. As mobilizações de massas contra o Xá do Irã em 1978-79 fornecem um caso exemplar. Apesar das esperanças e das intenções de muitos milhares de trabalhadores iranianos e esquerdistas que participaram (assim como as correntes pseudo-marxistas diversas que saudaram este suposto movimento ''objetivamente revolucionário"), o fato era que a direção estava firmemente nas mãos dos reacionários teocráticos ao redor do Aiatolá Khomeini. A contradição objetiva entre a base e o topo indica que uma tarefa chave dos marxistas era lutar para destruir as ilusões que as massas tinham no resultado final de um movimento com tal liderança e programa, levando os trabalhadores à oposição aos mulás, assim como ao Xá."* **(Teses Sobre o Solidariedade, 1986)**.

Os marxistas não deveriam se basear nas promessas do movimento do Conselho, nem nas ilusões da sua base, que são justamente as de que o Conselho vai lhes dar democracia. Mas são nessas ilusões que o camarada Paulo parece se basear. Os marxistas deveriam avaliar a liderança (burguesia pró-imperialista, líderes tribais [reacionários]

e chefes militares desertores), o seu programa (república democrática, pedido de ajuda ao imperialismo), a sua trajetória (formação no dia 15/02, tomada do poder de várias cidades no dia 18/02, consolidação em sua forma atual no dia 27/02 e continuidade da sua luta armada pelo poder de Estado, pedindo ajuda ao imperialismo, recebendo-a no dia 20/03) e composição [da base] (setores populares urbanos, setores de classe média e ao menos um setor operário, os petroleiros).

A conclusão que os marxistas devem tirar dessa análise é precisamente que o Conselho Nacional não pode ser um defensor dos direitos democráticos. Existe uma linha que separa "lutar por direitos democráticos" de "lutar por democracia burguesa". Essa linha é completamente apagada pelo camarada Paulo.

Os marxistas defendem as liberdades democráticas e lutam por elas no sistema capitalista. Essas liberdades garantem ao proletariado melhores condições de se organizar e lutar pela sua emancipação. Por isso os revolucionários estão presentes nos movimentos que lutam por direitos democráticos, sempre que possível integrando-os. Em todos os momentos, defendemos que os revolucionários na Líbia deveriam levantar bandeiras democráticas e que deveriam intervir em todos os espaços possíveis influenciados politicamente pela Oposição líbia.

Isso é muito diferente de conceder ao Conselho a tarefa, ou melhor, a capacidade de garantir esses direitos democráticos. Não devemos dizer, como faz o camarada Paulo, que ajudar a "República Líbia", que foi como o Conselho Nacional chamou o seu Estado, a se consolidar é lutar pelos direitos democráticos. Vamos lembrar que, apesar das suas promessas, o Conselho é composto pelos militares que por décadas estiveram com a ditadura. Ele é liderado também pelos serviçais do imperialismo e pelos líderes religiosos que apoiavam a monarquia líbia. Que o próprio presidente do Conselho foi o ministro da Justiça de Kadafi por mais de 20 anos!

Dizer que a vantagem em colocar o Conselho Nacional no poder é obter democracia é uma contradição incrível. É estender a luta por liberdades democráticas ao apoio ao governo do Conselho, ou seja, acreditar que apoiar militarmente o Conselho é lutar pelos direitos democráticos. O Conselho Nacional é inimigo dos direitos democráticos da classe operária! Se ele organizar eleições, vai ser só depois de ter certeza que a classe [trabalhadora] foi politicamente controlada e esmagada (o que o imperialismo já está fazendo, com o seu apoio) e com certeza haverá restrições inúmeras de direitos, manutenção dos aparatos de repressão, etc.

["Frente única contra Kadafi"?]

"*A frente única é uma tática com que revolucionários procuram se aproximar de formações reformistas ou centristas para 'jogar a base contra a direção', quando há uma necessidade sentida e urgente de ação unida por parte das bases. É possível entrar em acordos de frente única com formações pequeno-burguesas ou burguesas, onde há um acordo episódico sobre um assunto particular,* ***e onde é do interesse da classe trabalhadora*** *(por exemplo, os bolcheviques fizeram frente única com Kerensky contra Kornilov). A frente única é uma tática que não só é projetada para realizar o objetivo comum, mas também demonstrar, na prática, a superioridade do programa revolucionário, e assim ganhar mais influência e aderentes para a organização de vanguarda."* **(Programa do Coletivo Lênin)**

Na questão Líbia, o camarada Paulo supõe a existência de uma "frente única contra Kadafi", não em torno de ações práticas que fossem vantajosas para a classe operária, mas sim com o objetivo de colocar o Conselho Nacional no poder. Isso tem que ficar claro para todos: **desde o dia 18 de fevereiro o Conselho controla cidades do país e luta para se consolidar como o representante de toda a burguesia na Líbia. Nisso consiste a luta do Conselho contra Kadafi.** Apoiar esse movimento militarmente não pode ter outro significado que não ajudar o Conselho a se consolidar.

Os revolucionários deveriam lutar por direitos democráticos independente do governo do Conselho Nacional, que é o inimigo desses direitos. Isso significa não apoiar as investidas militares do Conselho Nacional contra Kadafi. Mas quando se defende "dar apoio militar ao Conselho" é justamente essas investidas que se está apoiando. Cria-se a ideia de que se pode ter uma "frente única" quando o objetivo dessa frente não é obter direitos democráticos, mas colocar o Conselho Nacional no poder. Os revolucionários só entram em frentes únicas "onde é do interesse da classe trabalhadora". Se acha que é do interesse da classe trabalhadora colocar o Conselho Nacional no poder, então o camarada Paulo deveria expor de forma clara a sua tese, coisa que ele não fez nas reuniões.

Só pode-se conceber uma "frente única contra Kadafi" em relação ao que acontece hoje na Líbia se (1) considera-se que a guerra civil é uma luta por direitos democráticos, e não uma luta entre interesses burgueses (onde o CNT seria o "defensor do lado democrático") e que, portanto, (2) o Conselho Nacional é o representante dos direitos democráticos na Líbia e que é "tático" para os revolucionários colocar esse governo burguês no poder.

Os revolucionários fazem frente única para lutar por direitos democráticos, onde tentam demonstrar que os partidos burgueses são incapazes de cumprir essas tarefas de maneira consequente. Já apoiar a tentativa do governo do Conselho de se consolidar não é uma "frente única", mas sim um liquidacionismo. Assim se desmancha a retórica revisionista. Usa-se de um termo revolucionário – frente única – para apagar completamente o seu conteúdo, para defender que é "tático" para os revolucionários colocar no poder o Conselho Nacional.

["Apoio aos atos de base"?]

Após a tomada de Benghazi em março, França reconhece oficialmente o governo do CNT: representantes da democracia ou lacaios do imperialismo? (theatlanticwire.com)

No caso da Líbia, a falsificação do camarada Paulo ganha bases inteiramente concretas. Na proposta de declaração que escreveu sobre a Líbia, o camarada comparou o que acontecia no país com a redemocratização brasileira.

> "*Por isso, é correto lutar pelo fim da ditadura de Kadafi, mesmo se existe um grande setor pró-imperialista na oposição.* ***Os melhores exemplos que conhecemos dessa situação são do Brasil. Primeiro, a luta contra o Estado Novo, em 1945.*** *Na época, o Partido Socialista Revolucionário, a seção brasileira da Quarta Internacional, levantou a palavra de ordem de Abaixo Vargas! Assembleia Constituinte!, mesmo sabendo que o governo era nacionalista e o maior setor da oposição, a UDN, era pró-americana, tendo inclusive apoio dos militares. [...]*"

> "***O segundo exemplo foi o movimento pelas Diretas Já!*** *Por acaso alguém nega que o MDB era pró-imperialista? E, por acaso, alguém acha que o caráter pró-imperialista do MDB era motivo para estar fora do movimento de massas que era dirigido pelos setores burgueses desse partido?*" (Proposta de nota de Paulo sobre a Líbia).

Enquanto os trotskistas brasileiros estavam num movimento por direitos democráticos junto com setores da burguesia, não houve dúvidas para os trotskistas quando essa burguesia ascendeu ao poder: eles eram oposição e não ajudaram esse governo "democrático" (que reciclou todos os aparatos da ditadura) a se consolidar. Dizer que o que acontece na Líbia é um simples movimento é falsificar a sua natureza. De fato, a declaração sobre a Líbia **em momento algum faz menção ao fato de o Conselho Nacional ter inúmeras cidades sob seu domínio** na hora de avaliar a política correta. Em outro email, o camarada Paulo fez essa mesma falsificação se referindo ao Conselho Nacional como uma liderança em atos de rua:

> *A grande confusão do companheiro [Rodolfo] é que deveríamos 'intervir' nas mobilizações da oposição, mas sem apoiá-las. Aí existe um duplo erro: primeiro, nunca apoiamos as direções das mobilizações, por mais progressivas que forem, se as direções não forem revolucionárias. Não apoiar a direção não significa que não era para apoiar os atos, mesmo criticando as suas palavras de ordem."*

Nossa preocupação aqui não é avaliar a tática correta para os atos [de rua]. Acreditamos que os revolucionários deveriam intervir neles e disputar a consciência dos trabalhadores envolvidos. Mas não se toma o poder através de atos. Para tomar o poder são necessários armas e elementos conscientes. É a nossa posição diante do governo de Bengasi, e se vamos ou não ajudar esse governo a se consolidar, que está em jogo aqui. Em outubro de 1917, mencheviques e socialistas-revolucionários participavam dos atos. Eles participavam até mesmo dos sovietes. No entanto, diante da tomada do Palácio de Inverno e de algumas poucas cidades, nenhum deles teve dúvida: todos foram contra e nenhum deles trabalhou para consolidar o Estado operário soviético.

Da mesma forma, existe uma diferença brutal entre intervir em movimentos de massas com ilusões numa direção reacionária e apoiar essas direções reacionárias na sua tentativa de tomar o poder. Como exemplo, citamos a política da Tendência Bolchevique [que o Coletivo Lênin reivindicava como uma aplicação do defensismo revolucionário] na tentativa do [reacionário] Solidariedade [polonês] de tomar o poder em 1981.

> "*A intenção contrarrevolucionária da liderança do Solidariedade inequivocamente foi revelada (para os que quiseram ver) pelos acontecimentos do período imediatamente anterior ao contragolpe de Jaruzelski:*
> *(a)* ***as tentativas de estender o Solidariedade ao exército e à polícia;****"*
> *(b) as discussões abertas sobre* ***a necessidade de derrubar o Estado*** *na reunião da direção geral do Solidariedade em Radom, em 3 de dezembro;" (c) a reunião de 12 dezembro em Gdansk de líderes do Solidariedade, que propôs ''fazer um plebiscito nacional por conta própria sobre um voto de confiança no General Jaruzelski, e para* ***estabelecer um governo provisório não-comunista e organizar eleições livres****" (New York Times, 14 dezembro 1981)."*

> "*Uma organização trotskista na Polônia no outono de 1981 teria se oposto intransigentemente ao curso pró-capitalista de Walesa & Cia. enquanto continuasse a intervir em reuniões de massa do Solidariedade nos locais de trabalho, e em cada outra arena onde fosse possível receber uma audiência da classe trabalhadora para cristalizar uma oposição anti-estalinista pró-socialista*

à direção do Solidariedade." **(Teses Sobre o Solidariedade, ênfase nossa)**.

Enquanto os revolucionários interviriam na base de massas do Solidariedade, eles não dariam nenhum apoio ao Solidariedade para obter os meios de consolidar um governo capitalista (rachar a polícia e o exército, derrubar o Estado, estabelecer um governo provisório). É exatamente isso que estamos contestando na atual posição do Coletivo Lenin. É claro que os revolucionários deveriam agir diante do que está acontecendo na Líbia. O que está em questão é se apoiar o governo do Conselho Nacional avança ou retrocede a luta por conquistas democráticas para o proletariado.

Na declaração que o camarada Paulo propôs, nem mesmo se coloca nossa posição diante do atual governo de Bengasi. Para nós não há a menor dúvida: deveríamos ser oposição a esse governo e não ter lhe dado nenhum "apoio tático" para se consolidar. Podem até nos perguntar: não iríamos lutar contra Kadafi e por liberdades democráticas? É claro que vamos! Mas entre essas duas coisas existe uma linha divisória que o camarada Paulo cruza de maneira irresponsável. Poderíamos até mesmo organizar uma frente única para resistir aos ataques contra os manifestantes por parte do governo Kadafi. Mas em nenhum momento isso pode ser confundido com dar apoio militar ao governo do Conselho Nacional.

Diante disso, chamamos os camaradas a reconsiderarem a posição aprovada pelo Coletivo Lenin e lutarem ao nosso lado por uma modificação da atual posição.

☭

PSTU, Fração Trotskista e a Defesa da Líbia Contra o Imperialismo

De que Lado da Trincheira?

Por Rodolfo Kaleb, novembro de 2011

Nenhuma corrente da esquerda brasileira tem influência política ou seção na Líbia. No entanto, a análise do processo de guerra civil e depois de intervenção imperialista que se abateu sobre o país é muito mais do que um exercício de teoria. As posições práticas das diversas organizações da esquerda indicam o quanto elas estão próximas ou distantes de uma aplicação revolucionária do marxismo, ou seja, quão estão preparadas para lutar pela revolução nos países onde estão presentes. Assim, mesmo com a guerra tendo chegado ao fim com uma vitória das forças apoiadas pelos imperialismos sobre os exércitos do ditador Kadafi, um dos eventos mais dramáticos da luta de classes deste ano exige um estudo profundo e um balanço da esquerda que se posicionou sobre esses eventos **[1]**.

O maior partido que reivindica o trotskismo no Brasil, o **Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU)**, teve uma posição de apoio aos rebeldes que tomaram Bengasi como sua capital e depois receberam apoio militar OTAN em sua luta contra Kadafi. Em todo o momento, o partido fez questão de classificar os rebeldes como um movimento "revolucionário" e não se abateram nem mesmo quando a "revolução" passou a se coordenar com os imperialismos francês, norte-americano e britânico para derrubar o regime decrépito de 42 anos do ditador líbio.

Já a **Fração Trotskista**, representada no Brasil pela Liga Estratégia Revolucionária – Quarta Internacional (LER-QI) não apoiou a vitória dos rebeldes aliados com a OTAN no fim da guerra, mas nutriu muitas ilusões com esse movimento nos seus períodos iniciais e mesmo após o início da sua colaboração com a OTAN. Isso a levou a não tomar a posição política consistente de defesa da Líbia, ou seja, o mesmo lado militar das forças leais a Muammar Kadafi mantendo contra ele o combate político. Essa posição estranha à tradição trotskista, que orientou os trabalhadores a uma aparente necessidade de combater com armas os dois lados do conflito, acaba igualando um regime autoritário numa nação oprimida com a opressão incomparavelmente maior das potências capitalistas, interessadas na exploração do trabalho e das riquezas naturais de uma semicolônia moderna.

"Primavera Árabe"

Os movimentos que emergiram em alguns países no norte da África e no Oriente Médio, tendo como maiores exemplos até o momento a Tunísia e o Egito, tiveram características gerais similares. Eles são movimentos de revolta popular, que realizam protestos, atos de rua e outras ações radicalizadas contra a exploração e a repressão política de ditaduras burguesas de longa data. Tais revoltas também são sintomas da crise capitalista sobre as nações desta região pobre do globo, onde os governos vinham realizando "ajustes econômicos" (ataques à classe trabalhadora) como forma de sustentar as dívidas estatais e capitalistas. A base social desses movimentos é policlassista, com um componente destacado de juventude, contando com alguns setores proletários que não tiveram um papel de liderança até o momento. Em geral, os movimentos como o da Praça da Libertação (Tahrir) no Egito, não se utilizaram dos métodos históricos de luta dos trabalhadores. Quando o componente de apoio proletário se fez minimamente presente, ficou evidente, inclusive, o peso social da classe trabalhadora **[2]**.

Entretanto, os movimentos sociais não se definem somente pela composição da sua base. Também é necessário analisar quem dirige politicamente essa base, qual é o seu programa político e qual é a dinâmica entre a base e a liderança para determinar a intervenção prática dos marxistas. Nesses países, devido à ausência de um partido revolucionário capaz de disputar as bases

Praça Tahrir, no Egito, tomada por manifestantes: retrato da Primavera Árabe (blog O Caminho Aberto)

desses movimentos, a liderança que se colocou à frente das massas foi burguesa, personificada em antigos opositores democráticos. Essas lideranças burguesas, que prometiam "democracia", buscaram evitar que qualquer liderança da classe trabalhadora pudesse tomar o seu lugar. Afinal, tinham o objetivo de garantir uma transição pacífica e tranquila para uma democracia onde só seriam concedidos os direitos democráticos que coubessem na ordem capitalista que lhes interessa, uma democracia da burguesia.

Ficou claro que essas lideranças oposicionistas tinham uma diferença de nuance com as ditaduras e podiam conviver muito bem com elas. Já a base do movimento tinha objetivos variados de liberdades democráticas e melhorias sociais. Mas enquanto essa base confiar que o caminho para seus objetivos (eles próprios postos de maneira vaga) se dará através do projeto da oposição burguesa, eles tendem a fracassar. Não foi à toa que todos os líderes oposicionistas no Egito e na Tunísia adotaram um discurso de "retorno aos lares e ao trabalho" assim que se viram ameaçados pela radicalização crescente do movimento.

É importante notar que isso aconteceu mesmo onde o máximo conseguido foi o afastamento pessoal do ditador e a manutenção de todo o aparato de governo (e de repressão) com a promessa de eleições futuras. Em outras palavras, não apenas a covarde liderança burguesa tem objetivos extremamente limitados, como não tem convicção suficiente nem nos próprios objetivos – teve mais medo do próprio movimento de massas que liderava do que das ditaduras, e preferiram chegar a acordos com estas do que arriscar abrir espaço para "radicais" advindos da massa. Esse foi o caso, por exemplo, do movimento de El-Baradei no Egito.

Nesse cenário de um movimento de luta por direitos democráticos (uma luta absolutamente justa e do interesse dos proletários) os comunistas devem intervir para desmascarar as lideranças burguesas e mostrar que os marxistas são os mais competentes para arrancar conquistas democráticas. Além disso, devem elevar a consciência de classe dos trabalhadores, mostrando que o seu objetivo não deve ser um "capitalismo mais humano" ou a democracia da burguesia, e sim o poder direto dos trabalhadores. Estes não devem dar o menor apoio a líderes do movimento que eventualmente componham um governo burguês.

É essencial o papel de vanguarda da classe proletária (sobretudo o seu componente industrial) dentre as massas. Rechaçamos qualquer ilusão sobre a necessidade (ou possibilidade) de uma etapa burguesa "democrática" na luta pelo socialismo. Qualquer suposta etapa democrática "necessária" se trata de um engodo para manter os proletários sob domínio burguês por tempo indeterminado. Da mesma forma, combatemos aqueles que, mesmo dizendo formalmente que lutam pelo socialismo, apostam ou tem uma postura ambígua diante das oposições burguesas, ou dão prioridade às demandas democrático-burguesas comuns entre todos os setores do movimento e não àquelas que preparam a moral e a consciência dos trabalhadores para a sua tarefa principal.

O método do marxismo na Líbia

O caso líbio foi, na maioria dos aspectos, muito diferente dos demais países da região. É inegável que houve um princípio de ações de protesto no leste do país, em janeiro e nos primeiros dias de fevereiro, com alguns setores populares lutando por direitos democráticos. Os trabalhadores petroleiros, inclusive, estavam presentes nesses primeiros protestos. Muitos apologistas de Kadafi tentam fazer crer que todos que contra ele lutam são "agentes do imperialismo". Mas não havia nenhuma disputa econômica específica entre os imperialismos e o regime kadafista naquele momento (nem mesmo as querelas passadas envolvendo as nacionalizações da década de 1970) que justificasse a predisposição dos imperialistas para tal.

A diferença inicial no processo líbio se deu pelo fato de que a liderança das primeiras movimentações no país possuía um programa e uma estratégia diferente daquele dos outros movimentos da região. A liderança da oposição líbia, que veio depois a ser o núcleo formador do CNT, não adotou a estratégia de uma transição segura, em colaboração com o governo. O leste do país era o centro de várias tribos donas de propriedades que mantinham uma convivência pouco diplomática com o regime kadafista (que derrubou a monarquia líbia em 1969).

Esses líderes tribais pensavam na monarquia pré-Kadafi com nostalgia e perceberam na onda de protestos que aconteciam nos países vizinhos uma oportunidade para se alçar ao poder e acabar com a desgastada "república do Livro Verde". Assim como as lideranças burguesas no Egito e na Tunísia, as tribos representavam interesses econômicos de certas alas da burguesia, ao buscar retirar do poder regimes que não mantinham mais a ordem econômica e social do seu interesse. Entretanto, pela sua história e desenvolvimento, a oposição líbia estava muito mais organizada e disposta a ações insurrecionais.

Os acontecimentos de 17 de fevereiro em Bengasi não são claros devido à ausência de informações. No entanto, é bastante improvável que os setores populares tenham espontaneamente obtido armas e organizado milícias que derrubaram o governo da cidade. Sem dúvida é muito mais

crível que setores submetidos aos líderes tribais tenham organizado os destacamentos que tiraram Bengasi (assim como outras cidades menores) do controle do aparato kadafista. De qualquer forma, a tomada de Bengasi se colocou em menos de dois dias sob o comando do embrião do CNT, que logo receberia apoio de ministros do alto escalão do governo de Kadafi, incluindo o proeminente ex-ministro da justiça Mustafá Abdul Jalil (que se tornaria presidente do Conselho). Com a tomada de Bengasi, já não havia mais na Líbia um movimento popular, e sim um governo burguês instalado nas cidades a leste, que passou a disputar com Kadafi o comando do país. Também ocorre nesse momento um racha no exército líbio e se conformam todas as características de uma guerra civil encabeçada por duas frações da burguesia.

Não é impossível que tenha havido destacamentos rebeldes relativamente independentes da liderança reacionária durante um período curto. No entanto é evidente que todas as forças rebeldes foram rapidamente unificadas sob o comando do CNT. Não havia "povo armado" de forma independente, e sim combatentes (profissionais e não-profissionais) comandados pelo CNT. Por isso, para nós não havia no exército do CNT nenhuma investida "revolucionária", como formularam correntes oportunistas. Dizer que é "revolucionário" um processo sem o protagonismo da classe trabalhadora e onde as massas são lideradas e tem amplas ilusões com um setor reacionário da burguesia é subestimar o fator essencial de consciência necessário para uma revolução. Não existe movimento "objetivamente revolucionário" que acontece mesmo que os seus agentes estejam presos à consciência burguesa, como discutiremos melhor mais à frente.

Nesse primeiro momento de guerra civil, não havia nenhum interesse objetivo para o proletariado em tomar qualquer uma das duas trincheiras. Tanto a ditadura kadafista quanto um regime das tribos buscariam oprimir e explorar a classe trabalhadora em colaboração com o imperialismo. A defesa da classe trabalhadora não estava associada a nenhum dos campos militares (como ficou evidente com a repressão desencadeada pelos rebeldes contra os trabalhadores negros). Tratava-se, pelo contrário, de uma disputa de interesses entre a burguesia líbia onde os trabalhadores só poderiam ter seus interesses objetivos realizados com a derrota de ambos os lados. Nesse momento, a tarefa dos revolucionários era lutar pela independência do proletariado nesse conflito, a luta de classes contra ambos os lados e a sua preparação revolucionária para o futuro.

Parece evidente agora que desde aquele momento os líderes tribais do CNT buscavam formar alianças, através da oferta de garantias econômicas, com as nações imperialistas. A possibilidade de uma intervenção imperialista foi amplamente anunciada, apesar de durante algum tempo líderes do CNT negarem que estivessem buscando por isso. Diante da boa vontade e de relativos sucessos do CNT no combate contra Kadafi, os imperialismos foram bastante rápidos em lhe dar apoio diplomático e reconhecimento. A diplomacia imperialista somente leva em conta os seus interesses econômicos e políticos. Obviamente não havia em nenhum dos líderes imperialistas qualquer interesse "humanitário" em derrubar Kadafi. Até porque os "amantes da paz" da Casa Branca e de Bengasi teriam muito que explicar sobre suas ações pouco "humanitárias" na própria Líbia e em outros países do Oriente Médio. Isso indicou a possibilidade (ainda não concreta nesse momento) de uma mudança no contexto da guerra.

Há relatos de que Kadafi bombardeou protestos de rua da oposição rebelde, matando civis desarmados **[3]**. Se não havia lado para os trabalhadores no conflito armado entre o CNT e o ditador, isso não significa que não havia interesses democráticos básicos a serem defendidos. Nós nos oporíamos com todos os meios disponíveis a atentados armados contra protestos de rua. Tais ataques, inclusive, impediriam a tarefa de intervenção dos comunistas nos setores de trabalhadores que pudessem romper com os líderes tribais. Mas isso não significaria nenhum apoio militar à luta do CNT pelo poder de Estado. A posição dos comunistas diante do governo de Bengasi era de oposição irreconciliável, um princípio que foi absolutamente traído pela maioria dos que se reivindicam trotskistas.

Ao mesmo tempo, desde o início da guerra civil, a oposição rebelde teve uma postura racista com relação aos emigrados negros de países do sul da África, que compõem uma parcela significativa da classe trabalhadora da Líbia. Milhares de negros, acusados de emigrar para compor exércitos de mercenários para Kadafi, foram revistados, presos e mesmo mortos sem nenhuma prova de que fossem "mercenários contratados" **[4]**. Os revolucionários deveriam se opor a tais ações pelo mesmo princípio. Nem precisamos dizer que os carniceiros imperialistas como Obama, que são responsáveis pelas mortes de milhares de trabalhadores e oprimidos todos os anos nas suas guerras no Iraque e Afeganistão, não têm a menor autoridade para justificar mais um atentado sob a desculpa de buscar a "paz e a liberdade" do povo líbio sob o cano do fuzil e a explosão das bombas.

Nesse momento, em plena guerra civil, o PSTU já classificava como "revolução" o que acontecia na Líbia.

Negros de origem negeriana são mantidos prisioneiros pelos rebeldes (liofofo.com)

Ignorava que faltava à classe trabalhadora a mínima independência de classe, a orientação de um partido marxista revolucionário, órgãos (ou ao menos embriões) de duplo poder. Em outras palavras, faltavam os meios práticos e subjetivos para lutar pelo poder como classe. Mas os morenistas (apelido em razão de a corrente do PSTU ter sido fundada por Nahuel Moreno), já consideram há muito que pode haver uma etapa de "revolução socialista" sob comando da burguesia ou pequeno-burguesia enquanto ante-sala da luta revolucionária **[5]**. Foi com essa perspectiva que proclamaram:

> "Neste processo, acontece uma unidade de ação muito ampla contra a ditadura, da qual participam trabalhadores, setores populares e, inclusive, com a adesão de setores burgueses, mais oficiais e tropas desertoras das forças armadas, e agora se agregam, também, altos funcionários do regime. Está claro que é necessária a mais ampla unidade de ação com todos os setores, inclusive os burgueses descolados do regime, para acabar com esta ditadura genocida e entrincheirada."
> **Líbia a sangue e fogo, 24 de fevereiro de 2011.**

"Acabar com uma ditadura genocida e entrincheirada" aliando-se à empreitada militar de líderes tribais reacionários e ex-membros do alto escalão de Kadafi que desejam tomar para si o poder só pode ter o efeito de criar outra ditadura da burguesia. A estratégia revolucionária de Lenin e Trotsky era o oposto dessa posição criminosa da liderança do PSTU. Colocavam a todo o tempo a necessidade de lutar pela independência da classe trabalhadora diante da burguesia. Essa foi a postura dos bolcheviques na revolução de Outubro desde que prevaleceu a posição das Teses de Abril, em que o grupo ao redor de Lenin corrigiu a linha vacilante do partido. Também foi a metodologia adotada pela Quarta Internacional em oposição aos blocos políticos do stalinismo e da socialdemocracia com a burguesia.

> "A acusação capital que a IV Internacional lança contra as organizações tradicionais do proletariado é a de que elas não querem separar-se do semicadáver da burguesia."
> "De todos os partidos e organizações que se apóiam nos operários e nos camponeses falando em seu nome, nós exigimos que rompam politicamente com a burguesia e entrem no caminho da luta pelo governo operário e camponês."
> **Programa de Transição, setembro de 1938.**

Com sua posição, o PSTU preparou a capitulação vergonhosa quando a "revolução com a burguesia" recebeu também apoio dos imperialismos através da OTAN. Como discutiremos mais à frente, a OTAN foi essencial para garantir a vitória militar dos rebeldes, que consistiu em uma derrota para os povos oprimidos de todo o mundo.

A OTAN e os "revolucionários" de Bengasi

A intervenção da OTAN, iniciada em 20 de março, marcou uma mudança qualitativa na tendência do imperialismo de preferir o Conselho Nacional de Transição ao impopular e decadente regime kadafista. Ela significou que havia interesses econômicos tão sérios em jogo para o imperialismo, que valia a pena subsidiar mais uma incursão quando os gastos econômicos de muitos dos países envolvidos com duas guerras (Iraque e Afeganistão) já são imensos. Esses interesses econômicos, sobretudo o petróleo líbio, ficam evidentes agora quando, mal terminado o conflito, já começa a divisão dos direitos de exploração do país pelas burguesias imperialistas, havendo uma redistribuição em favor das nações que participaram dos bombardeios **[6]**.

Dias antes de a OTAN iniciar os ataques, a guerra civil parecia estar pendendo para Kadafi. Foi fundamental que se iniciassem os bombardeios contra alvos do governo e do exército leais a Trípoli e o treinamento com armas pesadas que o recém-reunido exército do CNT recebeu das nações imperialistas. Diante desses eventos, a posição dos revolucionários mudou. Não se tratava mais de uma guerra entre dois setores da burguesia líbia e sim o confronto entre um setor da burguesia líbia contra um bloco de outro setor dessa mesma burguesia com várias nações imperialistas. Nessa guerra, a classe trabalhadora definitivamente tinha um lado.

A vitória do bloco CNT/OTAN significa a imposição de mais exploração e opressão sobre a população, mais barreiras ao desenvolvimento de uma nação independente, mais laços com o imperialismo. Obviamente Kadafi havia construído muitos desses laços. Sua colaboração com o imperialismo e seu regime ditatorial foram o que manteve a classe trabalhadora desmobilizada, sem partidos, sem sindicatos. Sem dúvida o tirano é o maior responsável pela prostração do país perante o imperialismo. Mas existe uma diferença qualitativa entre dois blocos da burguesia quando um deles é apoiado pelo maior inimigo dos povos. Nenhuma revolução autêntica (em oposição ao que são os rebeldes) pode triunfar enquanto não for derrotado o imperialismo, que é um opressor muito maior que Kadafi e cuja derrota é mais importante.

> "A pressão do imperialismo sobre os paises atrasados não muda, na verdade, seu caráter social fundamental, já que o sujeito e o objeto da pressão não representam mais do que níveis diferentes do desenvolvimento de uma só e mesma sociedade burguesa. No entanto, a diferença entre Inglaterra e Índia, o Japão e a China, os EUA e o México, é tão grande, que estabelecemos uma rigorosa distinção entre os países burgueses opressores e oprimidos e consideramos nosso dever defender os segundos contra os primeiros. A burguesia dos países coloniais e semi-coloniais representa uma classe semi-dirigente e semi-oprimida."
> **Um Estado não-operário e não-burguês**

Leon Trotsky, novembro de 1937.

Nessa guerra, a classe trabalhadora deveria defender incondicionalmente a nação oprimida da Líbia. Isso ***não*** significa apoiar as ações do regime Kadafi que fossem contra a classe trabalhadora, mas sim que a sua vitória militar contra um inimigo maior seria uma vitória para o povo líbio e vantajosa para o proletariado. Obviamente uma independência real da semicolônia somente será conseguida quando a classe trabalhadora tomar o poder e romper com o imperialismo. Mas ainda que limitada, uma vitória do ditador líbio contra o imperialismo seria um passo adiante nesse caminho, pois ao menos derrotaria um enorme obstáculo para a emancipação da classe trabalhadora. Como nós discutiremos melhor posteriormente, a tarefa dos revolucionários era defender o combate armado contra o Conselho Nacional de Transição e seus aliados imperialistas sem deixar de denunciar Kadafi, usando os métodos da classe operária e buscando a sua organização independente.

O que nos disseram as lideranças do PSTU? Obviamente a intervenção imperialista pegou esses senhores sem as calças. O que poderiam dizer aos seus próprios militantes e aos trabalhadores quando a sua "revolução" começou a receber apoio dos imperialismos através da OTAN, com bombardeios coordenados e treinamento militar? É demais sustentar que uma "revolução", além de ser liderada pela burguesia, está sendo também apoiada pelo imperialismo. Em razão disso, foi necessário falsificar inteiramente a realidade.

Os líderes do PSTU aceitam formalmente que o apoio imperialista é uma contradição, mas não desenvolvem uma política coerente, não reconhecem que a intervenção imperialista mudou o caráter (que eles já enxergavam de maneira incorreta) dos rebeldes. Completamente confuso, o PSTU escreveu:

> "A contradição é que, no terreno militar, existiu uma unidade de ação entre o imperialismo e as massas para derrubar Kadafi, mas com objetivos totalmente opostos: as massas querem libertar o país da opressão, mas o imperialismo quer deter a revolução para prosseguir o saque das riquezas líbias e do Oriente Médio."
> **Grande vitória do povo líbio e da revolução árabe, 24 de agosto.**
>
> "Aqueles [nós] que dizemos 'Otan não, fora Kadafi', longe de neutralismo, deixamos clara nossa posição: estamos contra a intervenção imperialista e a favor de que a insurreição derrote Kadafi. Deixamos claro que estamos contra a intervenção imperialista, mas não somos neutros na guerra civil aberta, queremos que os rebeldes líbios não deixem nem rastro do regime pró-imperialista e tirano de Kadafi."
> **Todo apoio ao povo líbio contra Kadafi, mas não à intervenção da Otan**

Tripoli em chamas: PSTU mistifica realidade para negar que a ajuda militar da OTAN foi essencial à vitória dos rebeldes (blog Human rights-Droits de l'homme-Mensenrechten)

> ***Opinião Socialista*** **421, abril de 2011.**

Não se pode simplesmente enumerar os combatentes e dizer "somos contra a OTAN, mas apoiamos os rebeldes" ignorando a relação que existe entre eles. Os marxistas não tomam posições diante de uma análise superficial da realidade. A OTAN não estava agindo de maneira concorrente, nem mesmo separada das tropas de CNT. Não havia uma disputa para ver quem derrubava Kadafi primeiro. Houve uma completa coordenação. Da mesma forma a guerra civil não seguiu em paralelo, como se a intervenção da OTAN fosse independente dos lados em luta. Ficou claro que a OTAN estava em profundo arranjo com o CNT.

> "A mira da OTAN ficou mais precisa, disse um diplomata sênior, conforme os Estados Unidos estabeleceram uma vigilância a toda hora sobre as áreas decrescentes que as forças militares líbias ainda controlavam, usando drones [aviões não tripulados] *Predator* para detectar, rastrear e ocasionalmente atirar nessas forças. Ao mesmo tempo, a Grã-Bretanha, França e outras nações implantaram forças especiais no solo dentro da Líbia para ajudar a treinar e armar os rebeldes, o diplomata e outro oficial disseram."
> **Surveillance and Coordination With NATO Aided Rebels**
> **The New York Times, 21 de agosto de 2011.**

Os bombardeios da OTAN ocorreram para preparar o terreno das investidas terrestres do CNT. A OTAN apoiou e se coordenou com o Conselho para levá-lo à vitória sobre Trípoli e o restante do país. Através da sua direção pró-imperialista, os rebeldes passaram a ser nada mais do que a força armada na Líbia sob comando dos imperialismos. Dizer que está contra os bombardeios da OTAN dando apoio às suas tropas na superfície é uma contradição incrível. Se estivesse na Líbia, o PSTU seria

uma ala esquerda do exército do CNT, que se oporia formalmente à OTAN, mas cumpriria um papel submetido aos interesses dos países imperialistas na prática.

A forma desenvolvida pela liderança do PSTU para justificar essa posição foi aprofundar as suas concepções sobre movimentos “objetivamente revolucionários” com lideranças reacionárias. Em um de seus artigos, o PSTU comparou a situação na Líbia às revoltas populares no Egito e na Tunísia para afirmar que “Definir a natureza de um movimento por sua direção é tão comum entre alguns setores da esquerda como alheio ao marxismo” **[7]**. Em outras palavras, que é “anti-marxista” levar em conta o fator da direção política de um movimento.

Para nós não se trata de negar que há setores populares (e mesmo alguns proletários) na base dos rebeldes. Nem mesmo de reconhecer que há pouco em comum entre a base dos rebeldes e os líderes do CNT. Mas sim que, no caso do Egito e da Tunísia, as lideranças burguesas manobraram as massas (com algum sucesso) em protestos de rua e ocupações de praça. Já na Líbia, a liderança se usou da base para tomar em suas mãos o poder no país junto com o apoio militar das nações imperialistas. Sem dúvida julgar um movimento *apenas* pela sua direção é anti-marxista, sem considerar quem são os indivíduos que compõem a base, quais são seus anseios e objetivos, ideologias, etc. Fazer isso impediria uma intervenção prática dos marxistas em qualquer processo. Mas da mesma forma é anti-marxista julgar um movimento apenas pelos anseios da base, sem considerar que existe no movimento uma ligação orgânica entre os membros e a liderança, nesse caso burguesa, que tomou o rumo dos acontecimentos e usou as bases para chegar ao poder.

Há uma diferença marcante entre intervir num movimento popular por demandas democráticas e melhorias sociais que tem ilusões numa liderança burguesa e “apoiar as massas” quando elas estão organizadas numa força armada lutando para colocar uma liderança burguesa no poder. Os trotskistas deveriam alertar aos trabalhadores para não lutarem sob comando de um Conselho que invariavelmente trairia as suas aspirações, que iria desarmar e assassinar a todos que forem contra os seus interesses. Colocar o CNT e a OTAN no poder era o único resultado possível de dar apoio a uma força armada que luta sob o comando deles.

Se amanhã a liderança egípcia de El-Baradei reunisse uma milícia, um racha do exército, e tomasse o poder da junta militar com apoio suficiente das massas, o PSTU iria enfaticamente apoiar esse movimento. Nós também nutrimos ódio à junta militar egípcia, mas achamos que ela deve ser substituída pela democracia proletária, não por outro governo burguês. Buscaríamos romper os trabalhadores de qualquer ilusão com El-Baradei e por isso não apoiaríamos esse movimento que o colocasse no poder, nem nenhum governo burguês que daí emergisse.

Não existe tomada do poder independente de (ou sem) liderança. Ao entrar em uma guerra civil, os lados em luta refletem sempre interesses de classe, ou posições diferentes dentro da mesma classe. Os rebeldes líbios não são um contingente de vanguarda proletária e nem a sua liderança burguesa pode levá-los a realizar uma revolução socialista. No caso líbio, a base não tem uma independência “revolucionária” contra a sua própria liderança burguesa reacionária. Os laços que unem a base à sua direção são moldados pela ideologia, e não uma mera formalidade.

Ao estarem iludidos pelo CNT, os setores populares dos rebeldes (sem esquecer que os rebeldes também incluem combatentes profissionais) agem segundo os interesses dessa liderança. Somente poderia ser diferente se houvesse uma transformação de consciência nesses setores, o que exige a presença (inexistente nesse caso) de um movimento operário forte liderado por um partido revolucionário. Por isso, é fundamental um chamado que se faz ausente nas publicações do PSTU: ***pela construção de um partido revolucionário de trabalhadores líbios!***

Diferente do PSTU, um partido revolucionário na Líbia não confiaria numa suposta “objetividade revolucionária” de setores populares liderados pelo imperialismo e sim lutaria por consciência comunista no seio da classe trabalhadora. A necessidade de uma liderança revolucionária é o centro da afirmação trotskista de que a “crise de liderança proletária é a principal causa da miséria da humanidade”. Mas essa é uma lição que o morenismo e PSTU nunca aprenderam.

Ao “apoiar a base apesar da sua direção”, o PSTU está inventando uma manobra para justificar o seu método, que leva diretamente a apoiar uma liderança reacionária bancada pelo imperialismo. Uma coisa é *intervir* num movimento para tentar quebrar as ilusões dos setores proletários e populares, mas isso não significa *apoiar* as demandas incorretas das massas, inclusive quando elas apóiam um governo burguês. O PSTU tentou através de inúmeras insinuações dar a entender que o governo apoiado pelos rebeldes é um governo “popular”, que a sua força armada é “o povo em armas”. Isso obscurece o fato de que o governo sediado em Bengasi é um governo burguês apoiado pelo imperialismo. Não existe “povo em armas” num sentido de duplo poder operário. O “povo” nesse caso está sob controle de uma força burguesa. O PSTU ignora isso para surfar na onda de popularidade dos rebeldes.

Os movimentos não devem ser analisados pelas ilusões (ainda que sejam aspirações justas) da sua base. Se grande parte da população líbia, iludida pelo CNT, acha que o caminho está em apoiar esse Conselho, é tarefa dos marxistas quebrar as suas ilusões com tal liderança reacionária e mostrar a necessidade de um partido revolucionário e da luta independente da classe trabalhadora. Ignorando que a base armada é nesse caso uma ferramenta nas mãos da burguesia reacionária aliada aos imperialistas, os líderes do PSTU puseram na cabeça que se trata de uma “revolução” e nada pode convencê-los do contrário. Assim, são levados a apoiar o lado errado da guerra. O PSTU chegou a proclamar a vitória da OTAN com o CNT em Trípoli como uma “grande vitória do povo líbio”.

Assim, as lideranças do PSTU abandonam completamente o método marxista de análise das forças de classe em luta, sua trajetória e sua transformação dialética, suas lideranças, etc. em troca de um apoio incondicional à "revolução"... apoiada pela OTAN. Ao fazerem isso, demonstram com clareza que preferem seguir cegamente um fenômeno reacionário que tem popularidade, ao invés de buscarem se posicionar corretamente para atrair os trabalhadores para uma perspectiva socialista. Fazendo isso, afastam a vanguarda trotskista de uma compreensão correta da sua tarefa. Ao invés de defenderem a nação oprimida e combaterem a investida do CNT/OTAN, os dirigentes oportunistas do PSTU levam os membros do seu partido a se considerarem parte da investida dos rebeldes, pintada como uma "revolução" inexistente nesse momento. Já as insinuações segundo as quais a intervenção imperialista foi para "desmobilizar os rebeldes", não passam de cinismo barato, em completo desacordo com a realidade.

Como defender a Líbia sem capitular a Kadafi

A Fração Trotskista/LER-QI reconheceu muitas das contradições na posição do PSTU quando ocorreu a vitória do CNT/OTAN no fim de setembro. Em inúmeras polêmicas recentes, ela explicitou que o cerne da questão – a saber, o fato de que liderados pelo CNT, os rebeldes eram uma força armada que cumpriu objetivos reacionários junto ao imperialismo – era ignorado pelo PSTU. Da mesma forma ela apontou que os rebeldes haviam, pela dinâmica dos eventos, se tornado, na prática, a força terrestre da OTAN:

> "Entretanto, em fins de fevereiro se constitui emBengasi o Conselho Nacional de Transição, que reúne quarenta integrantes, dentre os quais muitos ex-membros do próprio governo de Kadafi (...) Isso marca um ponto de inflexão crucial para o desenvolvimento e a mudança do caráter do processo líbio. A partir de então, a direção burguesa do CNT passaria paulatinamente a tornar os rebeldes reféns de sua política, reprimindo a formação de brigadas independentes, levando a mobilização ao beco sem saída do chamado à OTAN para intervir no país."
>
> "Novamente aqui vemos a operação lógica que a LIT [organização internacional liderada pelo PSTU] está acostumada a fazer: o reconhecimento meramente formal das contradições existentes, e a ruptura da dialética como fundamento de uma apreciação marxista. A dialética existente na Líbia é que apesar de haver caído uma ditadura sangrenta, isso não se transformou em uma vitória para as massas, posto que está sendo capitalizado pelos imperialismo e pelo CNT. Esta conclusão é a derivação do fato de que não se pode separar a queda da ditadura da maneira como ela se deu. E não aconteceu a partir da ação independente das massas, mas sob o apoio da OTAN. A derrubada de uma ditadura não pode ser considerada em si um 'tremendo triunfo para as massas', se quem se beneficia são os imperialismos."
>
> **Até quando a LIT-PSTU seguirão insistindo em seus erros?, outubro de 2011**
>
> "A preponderância da ação imperialista não foi um 'detalhe', como quer fazer parecer a LIT: ela negou a possibilidade de uma atuação independente das massas, fazendo com que os 'rebeldes' atuassem enquanto 'tropa terrestre' da intervenção aérea das potências, seguindo seus planos (...)"
>
> **A LIT acha progressista a "unidade de ação entre as massas e o imperialismo" na Líbia?, setembro de 2011**

Mas apesar disso, a posição da Fração Trotskista no conflito, que passou a ter um caráter imperialista com a intervenção militar da OTAN em 20 de março (um mês após o início da guerra civil), foi combater militarmente os dois lados. A FT não priorizou o combate ao bloco do CNT com a OTAN e está ausente das suas declarações e artigos qualquer perspectiva de estar do mesmo lado militar que Kadafi. A primeira declaração da FT após o início da intervenção imperialista afirmou:

> "Os marxistas revolucionários (sic) colocamos claramente que o imperialismo não intervém para que triunfe o levantamento popular contra Kadafi, senão para tratar de impor um governo títere a serviço dos seus interesses, como fez trás a invasão no Afeganistão e no Iraque. Tão pouco a saída é, como colocou Chávez e outros 'progressistas', se subordinar a Kadafi, que não só se transformou em um ditador pró-imperialista, senão que está em uma guerra contrarrevolucionária para esmagar o levantamento popular que colocou em questão seu domínio, como parte dos levantamentos da região. A única saída progressista para o povo líbio é lutar energicamente tanto contra a intervenção imperialista como para derrotar a reacionária ditadura de Kadafi."
>
> **Pelo fim do bombardeio imperialista contra Líbia! Pela queda revolucionária de Kadafi! 23 de março de 2011**

Ao fim, essa declaração resume a sua perspectiva com a consigna **"Abaixo a intervenção militar imperialista na Líbia! Abaixo Kadafi!"**. Na hora de determinar o lado correto no conflito, parece que a Fração Trotskista resolveu adotar a tese segundo a qual os rebeldes são um "levantamento popular" e parte dos "outros processos da região". A crítica a Chávez só faria sentido se fosse direcionada ao fato de o Bonaparte venezuelano sair por aí aos namoricos com Kadafi dizendo que "para a Líbia, Kadafi é o que Bolívar é para nós". Mas isso não significa que os trotskistas não tenham um lado a tomar no conflito.

Num confronto, como a LER-QI reconheceu se tratar, entre nações imperialistas e um país oprimido (onde os rebeldes são a “tropa terrestre” do imperialismo), a posição da Quarta Internacional não era nem de se subordinar à burguesia nacional e nem igualar os dois lados em luta:

> “Ao mesmo tempo em que sustenta um país colonial ou a URSS na guerra, o proletariado não deve solidarizar-se no que quer que seja com o governo burguês do país colonial nem com a burocracia Termidoriana da URSS. Ao contrário, deve manter sua completa independência política em relação a ambos. Ajudando uma guerra justa e progressiva, o proletariado revolucionário conquista as simpatias dos trabalhadores das colônias e da URSS e, deste modo, torna mais firme a autoridade e a influência da IV Internacional, podendo colaborar melhor na derrubada do governo burguês do país colonial, da burocracia reacionária da URSS.”
> **Programa de Transição, setembro de 1938.**

De forma alguma os revolucionários poderiam colocar no mesmo patamar combater Kadafi e os imperialismos. Se, como Trotsky colocou (e a LER-QI cita frequentemente) a guerra é a continuação da política por outros meios, então isso levaria a crer que, para a LER-QI, o imperialismo e a burguesia da Líbia são inimigos do mesmo calibre. Isso é alheio ao trotskismo. Como a LER-QI reconhece, a intervenção da OTAN atenta contra uma nação subjugada. Portanto, diferente da posição da Fração Trotskista, essa nação deve ser defendida pelos revolucionários apesar do seu regime ditatorial brutal, pois é interesse dos trabalhadores livrarem a Líbia do CNT/OTAN. Numa situação assim, os revolucionários devem se colocar do mesmo lado da barricada que o regime do ditador líbio (que pelos seus próprios interesses burgueses se vê combatendo o imperialismo) sem lhe dar a menor confiança, e lutar através dos métodos históricos da classe proletária: greves, ocupações de fábrica, destacamentos proletários independentes.

“Mas isso não significa capitular a Kadafi?” podem questionar. Capitular a Kadafi seria assumir compromissos com o seu regime decrépito. Seria se abster das formas proletárias de luta e se unir ao seu exército burguês, seria elogiar o seu papel, sua política ou deixar de denunciá-lo como o maior culpado pela intervenção da OTAN e pelo seu regime ditatorial burguês. Não é isso que estamos colocando. Os revolucionários fariam todo o possível para polarizar a classe trabalhadora, com o objetivo de levá-la a conclusões revolucionárias, levantando demandas transitórias e democráticas contra seu governo. Os métodos de agitação e propaganda buscariam mostrar a necessidade não apenas de vencer o CNT/OTAN, mas de forjar uma democracia proletária contra Kadafi. No entanto, no campo militar, o combate se daria lado a lado com as tropas kadafistas, buscando vencer o inimigo principal imperialista. Uma forma de resumir essa perspectiva

Tropas leais a Kadafi: guiado por seus próprios motivos, o ditador optou por combater o bloco CNT/OTAN (blog O Comum Brasil)

é **“Defender a Líbia! Derrotar o CNT/OTAN! Nenhuma confiança no ditador Kadafi!”** Uma vitória contra a OTAN seria um grande impulso para os povos oprimidos do mundo. De imediato, levantaria rebeliões nos países imperialistas que realizam a intervenção na Líbia. Os trabalhadores franceses, por exemplo, que desde 2010 vem travando lutas encarniçadas contra os ataques de Sarkozy, veriam na humilhação militar das tropas francesas a oportunidade perfeita de avançar contra este governo que ataca os trabalhadores dentro e fora das suas fronteiras.

No momento da intervenção, a única força social combatendo o imperialismo na Líbia era o governo de Kadafi. Numa situação como essa, não era possível realizar uma frente única no sentido clássico de “bater juntos” contra o imperialismo e “marchar separados” para objetivos diferentes. Os revolucionários devem formar uma frente única (mesmo com setores burgueses) sempre que for do interesse da classe trabalhadora, como era esse caso. Mas a ausência de uma organização proletária de peso, por culpa das décadas de repressão ao movimento operário pelo próprio Kadafi, impediu essa possibilidade. De qualquer forma, ainda somos pela vitória militar das forças de Kadafi contra o CNT/OTAN, mas dizemos em alto e bom som que ***a principal tarefa para o proletariado líbio na guerra contra o CNT/OTAN era armar-se em destacamentos politicamente independentes de Kadafi e lutar pela expropriação das empresas estrangeiras e nacionais sob controle dos trabalhadores, sem indenização.*** Poderia ocorrer até mesmo uma colaboração tática com os exércitos do ditador, mas sem nenhuma subordinação política, buscando sempre os interesses dos trabalhadores, jamais os da burguesia líbia. Ao mesmo tempo levantaríamos contra Kadafi demandas pelas liberdades democráticas suprimidas pelo ditador, como a liberdade de imprensa, organização política e uma assembleia constituinte eleita por sufrágio universal.

Não importa o quão assassino e corrupto é um governo burguês numa nação oprimida, os revolucionários estão do mesmo lado militar que eles se estes se confrontam com o imperialismo, sem lhes dar um milímetro de confiança ou de respaldo político. Para nós não se trata de discutir qual governo é mais tirano, se o governo de Kadafi ou Obama,

Cameron e Sarkozy e sim que a vitória da Líbia é do interesse dos trabalhadores e nações oprimidas do mundo, já que o papel dos Estados imperialistas é infinitamente mais perverso (e um obstáculo muito maior ao socialismo). Nós tomamos o lado militar de todos os setores (mesmo os mais reacionários da burguesia) que estejam lutando contra o imperialismo, não importa o quão sejam tiranos ou impopulares. Certa vez em uma entrevista, Trotsky disse:

> "Existe atualmente no Brasil um regime semi-fascista que qualquer revolucionário só pode encarar com ódio. Suponhamos, entretanto que, amanhã, a Inglaterra entre em conflito militar com o Brasil. Eu pergunto a você de que do conflito estará a classe operária? Eu responderia: nesse caso eu estaria do lado do Brasil 'fascista' contra a Inglaterra 'democrática'. Por que? Porque o conflito entre os dois países não será uma questão de democracia ou fascismo. Se a Inglaterra triunfasse ela colocaria um outro fascista no Rio de Janeiro e fortaleceria o controle sobre o Brasil. No caso contrário, se o Brasil triunfasse, isso daria um poderoso impulso à consciência nacional e democrática do país e levaria à derrubada da ditadura de Vargas. A derrota da Inglaterra, ao mesmo tempo, representaria um duro golpe para o imperialismo britânico e daria um grande impulso ao movimento revolucionário do proletariado inglês."
> **Entrevista de Leon Trotsky a Mateo Fossa, setembro de 1938.**

Obviamente a intervenção imperialista se somou a uma situação de guerra civil precedente. A desculpa colocada pela Fração Trotskista é que Kadafi estava agindo de maneira contra-revolucionária, suprimindo um "levante popular". Em primeiro lugar, isso é uma influência da política incorreta do PSTU e de outros na esquerda, como o influente Partido Obrero argentino (o maior partido reivindicando o trotskismo nesse país, onde está localizada a principal seção da FT) com relação aos rebeldes. Ela revela o quão a política da FT andava gravitando em torno de concepções oportunistas. A corrente tomou o lado dos levantes contra Kadafi desde a tomada de Bengasi, embora reconhecendo hoje que com o domínio do CNT, os rebeldes mudaram de natureza, embora não haja clareza sob quando essa transformação tenha se dado qualitativamente.

Num artigo publicado em 28 de março, uma semana após o início da intervenção da OTAN, a FT mostra que ainda não tinha clareza se os rebeldes eram um movimento popular independente da burguesia ou a força armada do CNT/OTAN e dizem que *ambos os caminhos eram possíveis*, elogiando o papel inicial dos rebeldes.

> "Se for pela via da OTAN e da direção burguesa do CNT, a heróica ofensiva das massas e dos trabalhadores líbios será usurpada (...). Se for pela atuação independente da classe trabalhadora e do povo, seria um avanço importantíssimo para todos os processos parte da primavera árabe, e para os trabalhadores e povos de todo o mundo."
> "Viemos desde o início do conflito defendendo que a única saída de fundo capaz de responder aos anseios das massas e trabalhadores líbios, que heroicamente se levantaram contra a ditadura de Gadafi, é confiar em suas próprias forças, e atuar de maneira independente de quaisquer direções burguesas da CNT."
> **Nem ofensiva criminosa da OTAN, nem apoio à entreguista CNT. Pela queda revolucionária de Gadafi, 28 de março de 2011.**

No entanto, em setembro, a LER-QI parecia não ter dúvidas de que desde antes da intervenção imperialista os rebeldes já não eram uma força progressiva, nem um movimento "em disputa" que pudesse ser preenchido com qualquer conteúdo, levando em conta inclusive a opressão exercida pelos rebeldes contra os negros da Líbia.

> "Havia uma possibilidade de que o levante popular iniciado em Bengasi se estendesse e derrubasse a ditadura de Kadafi por uma ação independente do movimento de massas, que nos primeiros dias passou a se armar espontaneamente. Mas essa possibilidade foi abortada. Rapidamente, o CNT, sob o qual passaram a ter crescente peso setores burgueses, lideranças das tribos opositoras, ministros e chefes militares que rompiam com Kadafi, tratou de conter a espontaneidade dos primeiros dias de levante e centralizar milícias sob sua completa e rigorosa direção. (...) O caráter reacionário rapidamente assumido pelo CNT, contraposto pelo vértice a qualquer ação emancipatória genuína das massas líbias, se demonstra não só em sua política de completa subordinação aos ditames do imperialismo, mas também em sua nefasta política em relação aos 2 milhões de negros imigrantes que compunham a classe trabalhadora no país."
> **A LIT acha progressista a "unidade de ação entre as massas e o imperialismo" na Líbia?, setembro de 2011**

Discordamos da certeza com que a LER-QI afirma que os primeiros dias os movimento dos rebeldes foi "espontâneo", devido à pouca quantidade de informações disponíveis. Mas de qualquer forma, isso demonstra que a LER-QI hoje concorda que, no mínimo "rapidamente" após a tomada de Bengasi, não havia nenhum movimento independente na Líbia, ao não ser que possamos falar de um "levante popular" submetido ao CNT e que desde então perseguia os imigrantes negros.

Sem decidir se o que ocorria no país era um levante popular (até mesmo "processo revolucionário" como descreveu em algumas declarações) ou uma guerra civil dominada por setores da burguesia, quando

se tornou necessário combater o imperialismo que tomava um dos lados, a FT estava a voltas com um "levante popular" que era uma força armada do CNT. Assim, não levou em conta as consequências de um posicionamento correto com relação a Kadafi e continuou levantando a "derrubada revolucionária" do tirano. Mas quem faria isso naquele momento? Os rebeldes?

Somos contra a palavra de ordem "Abaixo Kadafi" em face da intervenção imperialista, precisamente porque naquele momento a única força existente buscando derrotar Kadafi era o CNT/OTAN. Obviamente a derrubada revolucionária de Kadafi era uma perspectiva estratégica para a classe trabalhadora, que deveria ser preparada para essa tarefa mesmo enquanto combatia o imperialismo. Mas usar essa consigna quando o ditador era atacado pelos rebeldes dirigidos pela OTAN só pode gerar confusão. Nesse caso, mostra que a Fração Trotskista ainda não tinha assimilado com precisão o que eram os rebeldes e, apesar de não ter apoiado a vitória do CNT/OTAN quando ela se deu, foi incompetente para defender a Líbia contra o imperialismo quando se deu a intervenção e não tomou lado nenhum na barricada.

Se a Fração Trotskista/LER-QI concorda que os rebeldes eram um movimento "capitalizado pelo CNT", "tropa terrestre" das potências e que quem se "beneficia da sua vitória são os imperialismos", então porque não estavam do outro lado da barricada, ainda que hegemonizada pela ditadura de Kadafi, defendendo a Líbia ao mesmo tempo em que denunciavam o regime do tirano? Em razão dessa vacilação, a Fração Trotskista não defendeu na prática o princípio bolchevique de defesa dos povos oprimidos contra os países opressores, temendo assim ir contra um "levante popular" inexistente.

Os motivos da Fração Trotskista

Nesse momento, muitos dos dirigentes da FT podem se fazer de desentendidos sobre qualquer possibilidade de estar do mesmo lado militar que Kadafi sem capitular a ele. Mas quando os Estados Unidos ocuparam o Iraque em 2003, a LER-QI foi bastante capaz de explicar essa perspectiva. A situação na Líbia hoje não é idêntica ao Iraque de 2003 (quando se tratou de uma ocupação terrestre), mas estava colocado o mesmo paradigma: defender a derrota dos EUA sem ter ilusões em Saddam Hussein e manter o combate político contra ele, preparando a consciência e a moral da classe para tomar o poder uma vez que o imperialismo fosse vencido.

> "Por isso, o ponto de partida do programa revolucionário é definir que a guerra do Iraque é uma clara guerra de agressão imperialista contra uma nação oprimida. (...) Toda guerra de defesa e libertação nacional de uma nação oprimida é, para os revolucionários, uma guerra justa e legítima, como foi - por exemplo - a luta pela libertação nacional da Argélia contra os colonialistas franceses ou a guerra do Vietnã. Neste tipo de guerras, os revolucionários nos localizamos no campo militar dos países semicoloniais, independentemente do caráter do regime que os governe porque o triunfo do país imperialista significará duplas correntes para o povo da nação semicolonial, e padecimentos piores ainda do que com sua ditadura doméstica. No caso do Iraque nos localizávamos pela derrota militar do imperialismo norte-americano e de sua coalizão, apesar do caráter reacionário e ditatorial de Saddam Hussein."
>
> **O movimento anti-guerra e a guerra/ocupação do Iraque, junho de 2005.**

FRENTE DE IZQUIERDA
y de los Trabajadores
PARTIDO OBRERO PTS

FIT: os blocos políticos com correntes maiores são uma maneira tipicamente centrista de romper o isolamento (blog do PO de Tucumán)

Essa posição da Fração Trotskista na Líbia, deliberadamente vaga e incoerente, é o reflexo da aproximação *centrista* que a corrente tem com partidos ditos trotskistas maiores: o PSTU no Brasil e o Partido Obrero na Argentina (locais em que estão suas duas maiores seções, o PTS e a LER-QI). O PO e o PSTU foram os campeões em saudar os rebeldes de Bengasi como "revolucionários" **[8].** Obviamente a busca incessante que a Fração Trotskista realiza para formar blocos e estar politicamente próxima dos dois partidos tem efeitos na consciência dos seus membros e liderança. As posições do PO e do PSTU, ainda que recebam críticas, tem uma enorme influência na sua formulação, que nem sempre, como este caso demonstra, passa pelo filtro de uma visão crítica.

Nas últimas eleições burguesas argentinas, por exemplo, o *Partido de los Trabajadores por el Socialismo* (PTS) formou um bloco eleitoral com o Partido Obrero e outras organizações de esquerda (inclusive o PSTU argentino) – a Frente de Esquerda e dos Trabalhadores (FIT). Essa foi a realização de uma política que o PTS vinha buscando há muitos anos, mas que só nas últimas eleições o PO aceitou**[9]**. Em um dos artigos de seu jornal, a LER-QI, comentando sobre o bloco formado pelos seus camaradas argentinos fez a seguinte caracterização:

> "A FIT se coloca também como uma alternativa de esquerda classista e revolucionária em nível internacional. Entre as outras experiências da

esquerda, como o NPA francês, o Respect inglês, a Frente de Esquerda em Portugal, ou mesmo a Frente de Esquerda (que se formou no Brasil em 2006 e 2008) a FIT argentina é a única que não mistura os interesses dos trabalhadores com nenhuma variante burguesa ou reformista. Que coloca seu centro na organização dos trabalhadores, em aliança com a juventude e os intelectuais de esquerda, que proclama abertamente sua posição revolucionária."
A Frente de Esquerda e dos Trabalhadores na Argentina e algumas lições para a esquerda no Brasil, junho de 2011.

Está claro que a FIT argentina esteve muito à esquerda de formações eleitorais de colaboração de classes: ela era composta somente por partidos da classe trabalhadora. Também se posicionou melhor que formações dominantemente reformistas ao não defender políticas econômicas presas aos limites do capitalismo. Porém, existem posições localizadas entre o reformismo e uma consistente perspectiva revolucionária. Como explicar o fato de que o PO, o maior partido em um bloco "revolucionário" que "não capitula a nenhuma variante burguesa" tenha apoiado o lado do imperialismo nas trincheiras líbias, além de outras posições centristas ao longo de sua história, como ter apoiado a frente popular burguesa de Evo Morales (posições essas que a própria FT critica)?

Ainda mais importante: porque a Fração Trotskista deve seguir fazendo os seus numerosos esforços de construção internacional, recrutar militantes, ter publicações periódicas próprias, etc. se um bloco com o Partido Obrero é "revolucionário"? Não faria sentido simplesmente fundir com ele e dar origem a bloco permanente, um partido "revolucionário" maior?

Da mesma forma, a LER-QI no Brasil busca blocos eleitorais com o PSTU, faz chamados para que o partido cumpra um papel classista ou assuma a liderança em processos de mobilização. Por exemplo, no texto citado acima, fez um chamado ao PSTU para que "aprendesse" com seus camaradas argentinos – ou seja, propôs um bloco eleitoral com o PSTU nas próximas eleições burguesas no Brasil. Tais ações, que a liderança da LER-QI rotula como "táticas" estão submetidas não a uma estratégia revolucionária independente do centrismo, mas uma estratégia de quem deseja ser um flanco esquerdo do PSTU e isso acaba levando (ainda que esta não seja uma intenção premeditada) a uma adaptação política a esse partido.

Qual seria, por exemplo, a posição desse bloco da LER-QI com o PSTU sobre questões chave da luta de classes como as "greves" policiais, o Estado cubano ou a própria guerra imperialista sobre a Líbia, onde possuem posições divergentes? A liderança da Fração Trotskista, perseguindo uma unidade política com outras organizações que já rasgaram com muito mais vigor os princípios bolcheviques, é incapaz de uma perspectiva revolucionária. Os militantes críticos da Fração Trotskista (LER-QI) devem analisar de maneira séria a política da sua organização. As posições traiçoeiras, se não combatidas, certamente abrirão precedentes. Nesse caso, a posição do grupo em uma questão tão básica pode gerar efeitos imprevisíveis no futuro. Contra essa adaptação, levantamos o princípio imortal de Lenin e Trotsky de defesa incondicional dos povos oprimidos contra o imperialismo.

☭

Notas

[1] Para críticas a outras posições da esquerda frente aos eventos aqui analisados, conferir *Sobre a Vitória do Bloco CNT/OTAN na Líbia e o Centrismo do Coletivo Lenin*, de setembro de 2011 (sobre apoiar ou não o CNT antes da investida imperialista) e *Um Tirano Sem Aspas* (sobre a capitulação política a Kadafi), de novembro de 2011.

[2] Em 8 de fevereiro de 2011, após mais de um mês da ocupação da Praça da Libertação, entraram em greve 6 mil trabalhadores do canal de Suez, em diferentes companhias e várias cidades. Nos dias que se seguiram, outras centenas de fábricas e plantas por todo o país cruzaram os braços, totalizando milhares de grevistas por todo o Egito. Os trabalhadores de praticamente todas as categorias, usando o método da greve geral, deram o golpe fatal e foram a principal força social na derrubada do ditador egípcio Hosni Mubarak, em 11 de fevereiro. Apesar disso, os proletários não assumiram um papel de liderança política no movimento, o que levou a manutenção de muitos aparatos da ditadura e mesmo do capitalismo.

[3] Um apanhado dos relatos divulgados por diferentes jornais pode ser encontrado na páginaFiredoglake (em inglês).

[4] Conferir *Imigrantes negros enfrentam risco de prisão e morte sob acusação de apoiarem Kadafi* – O Globo Online, 30 de agosto de 2011.

[5] Central na teoria de Nahuel Moreno, uma "revolução de fevereiro" seria caracterizada enquanto uma "revolução socialista" onde as massas trabalhadoras não são lideradas por partidos revolucionários (nesse caso são lideradas até mesmo pela burguesia) e não possuiriam consciência marxista. Para os morenistas, a sua principal tarefa é empurrar os partidos oportunistas para cumprirem tal função, ao invés de lutarem para desmascarar os líderes traidores das massas e ganhar os trabalhadores para uma perspectiva de oposição revolucionária (conferir MORENO, Nahuel. *As Revoluções do Século XX*. 1984). Isso leva os morenistas a uma série de adaptações às lideranças existentes no movimento e a enxergarem transformações "revolucionárias" onde elas não existiram. Frequentemente a "revolução de fevereiro" é identificada como uma revolução democrática que pode ser liderada por partidos burgueses, aos quais os morenistas estão prontos para apoiar.

[6] Conferir *Líbia: França já assegurou um terço do petróleo futuro* – Expresso, de 22 de agosto de 2011.

[7] Citado de *Todo apoio ao povo líbio contra Kadafi, mas não à intervenção da Otan* em *Opinião Socialista* 421, de abril de 2011.

[8] O Partido Obrero encerrou um artigo de 23 de março dizendo: *"Nossa consigna é: fora Otan; armas para os revolucionários líbios; pela extensão e aprofundamento da revolução árabe. Desejamos que o Oriente Médio se converta na tumba do imperialismo mundial"*.

[9] Nas duas eleições burguesas anteriores, o PTS havia conformado uma frente com a Esquerda Socialista (IS), corrente ligada à CST/PSOL brasileira e vinha fazendo chamados ao PO, que recusou. Nas eleições de 2010, foi posta em prática uma legislação eleitoral que proibiu a participação de chapas com menos que 1,5% de apoio nas primárias na disputa para a presidência. Isso acabou levando o PO a conformar a FIT para poder participar do processo eleitoral. Apesar de combatermos essa legislação reacionária, direcionada claramente aos partidos de esquerda, ela por si só não justifica a busca do PTS pela formação do bloco com o Partido Obrero.

Tabu da LBI sobre o Caráter Ditatorial de Kadafi

Um Tirano sem Aspas

Por Rodolfo Kaleb, novembro de 2011

Recentemente a **Liga Bolchevique Internacionalista (LBI)** apresentou em uma enorme coletânea de artigos, publicados sob o título de **"Teses trotskistas acerca da guerra imperialista contra a Líbia"**, uma perspectiva *formalmente* correta sobre o conflito entre as tropas leais a Muammar Kadafi e os rebeldes líbios liderados pelo Conselho Nacional de Transição, com apoio armado da Organização do Tratado do Atlântico Norte (principal aliança bélica das burguesias imperialistas). Nesses artigos, o grupo também combateu corretamente aqueles que tomam o lado do movimento liderado pelo CNT e apoiado pela OTAN, mostrando que tais correntes deixam de lado a tarefa de defender a nação oprimida da Líbia contra os imperialismos, chegando até mesmo ao ponto de chamar a vitória dos rebeldes de "revolução" (para um debate com essas posições, leia nosso artigo ***De que Lado da Trincheira?***). Em uma seção intitulada "Pela vitória militar de Kadafi sobre a corja imperialista da ONU e da OTAN", a LBI escreveu:

> "Em resposta a esses renegados revisionistas [as correntes que apóiam os rebeldes], os marxistas revolucionários sabem nadar contra a maré pró-imperialista que varre a esquerda e convocam publicamente a formação de uma frente única militar com Kadaffi contra a intervenção imperialista, sem depositar nenhuma confiança e com total independência em relação ao governo nacionalista burguês líbio."
> **É possível ser anti-imperialista apoiando os "rebelados" pró-OTAN? (site da LBI).**

Essa é a afirmação *formalmente* correta de que a tarefa imediata na Líbia sob a intervenção da OTAN é combater o bloco dos imperialistas com o CNT sem capitular politicamente ao regime burguês de Kadafi. Manter-se independente de Kadafi e de seus aliados em termos político-organizativos não é um mero detalhe para os revolucionários. Afinal, sempre que buscamos nos aproximar das massas, o ponto central da nossa atuação é ligar aquelas suas demandas progressivas de caráter imediato com seus interesses estratégicos objetivos, apontando através de um programa transitório a incapacidade da conquista de seus interesses dentro dos limites do capitalismo. Nossa principal perspectiva, portanto, é a de utilizar um programa anticapitalista como forma de apontar a necessidade dos trabalhadores tomarem o poder em suas mãos e construírem uma sociedade radicalmente diferente – o que seria impossível fazer se capitulássemos politicamente à burguesia e àqueles que se adaptam ao capitalismo de uma forma ou de outra.

Assim, a defesa da Líbia contra os imperialismos é uma tarefa política importante, mas que de forma alguma deve obscurecer uma campanha implacável de denúncias contra o regime de Kadafi e o nacionalismo burguês, mostrando à classe trabalhadora que ela tem interesses absolutamente distintos daqueles de Kadafi ou de quaisquer outros setores burgueses.

De um ponto de vista estratégico, demarcar a linha de classe é tão essencial para a vitória do proletariado quanto estar do lado certo de uma guerra contra o imperialismo. Quantos não foram aqueles (dentre os quais Hugo Chávez e diversos outros apologistas de Kadafi) que estiveram do lado certo da barricada na guerra da Líbia pelos seus próprios interesses burgueses? Ao terem semeado confiança em Kadafi, eles foram, para propósitos revolucionários, tão inúteis quanto aqueles que estiveram do lado errado, semeando ilusões em um movimento liderado pela burguesia tribal reacionária e apoiado pela OTAN.

Nesse sentido, durante a intervenção da OTAN, a perspectiva da LBI com relação às demandas democráticas a serem levantadas pelo proletariado em uma ditadura burguesa como a da Líbia foram completamente diferentes daquelas tarefas estabelecidas pela Quarta Internacional liderada por Trotsky. Enquanto criticava corretamente os líderes tribais do CNT e os imperialistas, a LBI escreveu:

> "Os chacais imperiais como Obama, Sarkozy e Cameron já salivam o sangue assassino e exigem que o 'ditador' deixe o poder imediatamente, enquanto prosseguem os maiores bombardeios aéreos que a humanidade já presenciou em toda sua história."
> **Resistência Líbia, site da LBI, 22 de Agosto.**

> "Na Líbia, logo os apoiadores do antigo monarca Idris, apeado do governo pelos coronéis em 69, foram a ponta de lança inicial para fazer eclodir o suposto movimento de massas contra o 'tirano sanguinário' Muammar Kadaffi (...) Não demorou muito, os 'rebelados' contra o caudilho nacionalista já dispunham de sofisticadas armas pesadas que passaram a apontar contra o próprio povo líbio que insistia em permanecer ao lado da 'ditadura sanguinária' de Kadaffi."
> **Teses trotskistas acerca da guerra imperialista contra a Líbia, Tese III (site da LBI).**

Em primeiro lugar, não existe "o povo líbio", como algo monolítico, apoiando Kadafi. Obviamente Kadafi tinha apoiadores entre as classes populares. Mas também claramente o tinham os rebeldes, cuja base (diferente da liderança burguesa reacionária) é policlassista e possui mesmo alguns setores proletários. Em segundo

lugar, as aspas colocadas pela LBI nesse trecho são absolutamente desnecessárias. Acaso Kadafi não era um ditador sanguinário? Parece que não para a LBI. A corrente é incapaz de afirmar o caráter ditatorial de Kadafi em qualquer parte desse ou dos outros textos publicados sobre a Líbia. Em um outro artigo da sua coletânea, a LBI diz que a acusação de "ditador" contra Kadafi não passa de "cantilena" (tática de propaganda) da oposição imperialista, "a mesma usada contra Chávez hoje".

Obviamente não pautamos nossa posição na guerra imperialista com base no caráter do regime kadafista, e sim pelo fato de que este estava defendendo (por seus próprios interesses) um país semicolonial contra vários países imperialistas. Por mais sanguinário que tenha sido, sua opressão não pode ser comparada com a dos imperialistas. Como explicou Trotsky, a vitória dos imperialismos significa a imposição de duplas correntes aprisionando o povo líbio. Também não conferimos a menor autoridade ao discurso "democrático" dos imperialistas Obama, Sarkozy, Cameron e companhia, responsáveis pelas mortes de dezenas de milhares de líbios desde que se iniciaram os bombardeios.

Mas isso não nos impede de denunciar o caráter tirano de Kadafi e de seu regime. De fato, ele é o maior culpado pelo fato de o movimento dos trabalhadores na Líbia ser inexpressivo, senão inexistente:

> "Todos os outros partidos políticos foram banidos. Sindicatos foram incorporados à União Socialista Árabe [partido de Kadafi] e as greves proibidas. A imprensa, já submetida à censura, foi oficialmente alistada em 1972 como um agente da revolução [dos coronéis de 1969] [sic]."
> **Helen Chapin Metz. Libya: A Country Study. Washington: GPO for the Library of Congress, 1987.**

As proibições à liberdade de imprensa e de organização sindical e de partidos políticos da classe trabalhadora, aplicadas por Kadafi por quase 40 anos, despreparam o proletariado para qualquer forma de resistência. Também a ausência de qualquer experiência democrática na Líbia (desde antes de Kadafi e que ele manteve durante todo o seu governo), contribuiu para que ganhasse influência entre a população a propaganda do CNT/OTAN sobre a democracia burguesa para justificar o seu massacre.

Enquanto na Venezuela de Chávez essas liberdades democráticas existem e o "Bonaparte do século XXI" tem repetidamente recebido aprovação eleitoral para manter seu governo, na Líbia as acusações de ditadura são mais do que "cantilena". Diante disso, as demandas democráticas cumpririam um papel importante em preparar politicamente os trabalhadores contra o ditador (sem aspas) líbio. No documento de fundação da Quarta Internacional há uma seção sobre o importante papel suplementar das demandas democráticas nos países capitalistas atrasados, que diz:

> "É impossível rejeitar pura e simplesmente o programa democrático: é necessário que as próprias massas ultrapassem este programa na luta. A palavra de ordem de Assembléia Nacional (ou Constituinte) conserva todo seu valor em países como a China ou a Índia. (...) É necessário, antes de tudo, armar os operários com esse programa democrático. Somente eles poderão levantar e reunir os camponeses. Baseado no programa democrático e revolucionário é necessário opor os operários à burguesia 'nacional'."
> **Programa de Transição, setembro de 1938.**

Ao mesmo tempo em que combatesse o bloco CNT/OTAN com destacamentos de trabalhadores, um partido revolucionário na Líbia levantaria contra Kadafi a demanda de ***Expropriação sob controle operário das empresas imperialistas e nacionais, sem indenização*** para desmascarar o conteúdo burguês do governo de Trípoli. Também seria essencial para mobilizar os trabalhadores, usar as palavras de ordem democráticas de ***Liberdade de imprensa, de organização sindical e partidária! Assembléia Constituinte eleita por sufrágio universal!*** A LBI fez várias críticas ao caráter burguês e de colaboração com o imperialismo de Kadafi, mas ignorou estas importantes demandas contra o seu caráter ditatorial. Essa omissão fica ainda mais evidente quando percebemos que não é levantada sequer uma demanda democrática contra Kadafi nas 80 páginas do seu livreto! Assim, a LBI mostrou que por trás da sua linha formal, nutria ilusões com o regime líbio. Em igual proporção, falharia na preparação dos trabalhadores para romper politicamente com esta ditadura burguesa. Outro efeito colateral seria lançar parte dos trabalhadores que se opusessem a Kadafi nos braços da reação tribal, que reconhece o caráter ditatorial de Kadafi ao mesmo tempo em que demagogicamente defende uma "democracia" burguesa inspirada pela lei islâmica e sob os escombros de milhares de corpos humanos dizimados pelo imperialismo.

Quebrar as ilusões com o regime burguês da Líbia e buscar conquistas democráticas e sociais com a perspectiva de levar os trabalhadores ao poder deveria permanecer sendo o objetivo dos revolucionários mesmo enquanto combatiam o maior inimigo dos povos, o imperialismo. Nisso consistia a "total independência política" com relação ao decrépito regime de Kadafi, que a LBI deixou de lado.

☭

O Conflito Sírio e as Tarefas dos Revolucionários

Por Leandro Torres, setembro de 2012

Há cerca de 18 meses se iniciou um conflito armado envolvendo o regime da Síria, que é chefiado por Bashar Al-Assad e o partido Ba'ath. O regime construído pelo clã familiar Assad, como outros representantes históricos do Ba'ath (como o antigo regime de Sadamm Hussein no Iraque) se baseia largamente no tripé secularismo, regime ditatorial e discurso nacionalista. Contra o caráter ditatorial do regime, tiveram início alguns protestos em março de 2011. Tais protestos foram em grande parte motivados pela influência das mobilizações da chamada "Primavera Árabe". Também devem ser levados em conta os efeitos da crise econômica mundial no país, destacadamente o desemprego e a alta no preço dos alimentos.

Desde o início, tais protestos foram brutalmente reprimidos. Contrariando as expectativas do regime, isso só fez se intensificarem as mobilizações de rua. Passado algum tempo, começaram a ocorrer ataques a prédios governamentais e, após mais de um ano de conflito, os protestos de rua se intensificaram, a oposição ganhou corpo e criaram-se organizações de liderança que incluem até mesmo um braço armado próprio.

Em algumas cidades, principalmente Homs, a oposição organizada conseguiu uma correlação de forças favorável, ainda que não tenham obtido seu controle. Nos locais onde a oposição armada e os protestos de rua contra o regime têm se mostrado mais intensos, as tropas de Assad, junto a grupos paramilitares que o apoiam (as chamadas "shabiha"), têm perpetrado verdadeiros massacres como forma de represália, levando a um alto número de mortes.

Conselho Nacional Sírio: núcleo da oposição organizada

Ao longo desses meses de conflito, os setores organizados em oposição a Assad se unificaram. O **Conselho Nacional Sírio (CNS)** é a coalização que congrega mais setores da oposição, entre eles os chamados **Comitês Locais de Coordenação** e o grupo armado **"Exército Livre da Síria"**. As principais lideranças do CNS possuem um longo histórico de participação em partidos e grupos de oposição (como a **Irmandade Muçulmana**), alguns legais e outros clandestinos, desde antes do conflito. Portanto esse Conselho representa uma coalizão anti-Assad bastante ampla. A maioria de seus líderes encontra-se há algum tempo exilada em países vizinhos, principalmente no Líbano, e é por isso chamada de "oposição no exílio". Além disso, muitos deles possuem laços estreitos com setores da burguesia síria e, principalmente, com representantes de potências imperialistas.

O braço armado do CNS, o "Exército Livre da Síria", é formado por dissidentes das forças armadas do governo, mas relatos afirmam que tais dissidências não afetaram gravemente as mesmas, que ainda mantêm sua cadeia de comando unida em defesa de Assad e de seu regime. Segundo tais relatos, não foram oficiais ligados ao comando das tropas que romperam com Assad, mas sim do ramo técnico – indício de que as forças armadas mantém sua coesão apesar das rupturas **[1]**. Além disso, o ELS (cujos comandantes encontram-se exilados na Turquia) tem encontrado grande dificuldade para se tornar um corpo bem estruturado, tanto em termos organizativos quando no que tange a treinamento e equipamentos. Não obstante, suas tropas vêm recebendo armas dos governos da Turquia, Quatar e Arábia Saudita **[2]**, integrantes do chamado "Amigos da Síria" – um bloco de governos árabes anti-Assad, com participação das potências imperialistas.

Já os Comitês Locais de Coordenação, importante fator no conflito, permanecem ainda cercados de certo mistério, uma vez que parte considerável de sua organização se dá de forma clandestina. Desde cedo, eles têm atuado largamente em transmitir notícias do conflito através de seu site (lccsyria.org), mas também possuem envolvimento na convocação e organização dos protestos de rua que têm ocorrido em algumas das grandes cidades. Seus representantes são jovens militantes, muitos dos quais já participavam de algum tipo de grupo de oposição antes do conflito armado ter início. O caráter de tais atos de rua tem sido abertamente pacífico, em um claro intuito de se diferenciar da oposição armada e também de evitar a repressão direta do regime de Assad – o que não tem se provado uma tática eficaz. Os Comitês não são uma organização centralizada nacionalmente, mas sim a soma de diversas células autônomas espalhadas pelo país **[3]**.

O CNS certamente é um bloco diversificado, porém é inegável que ele possui um ***caráter de classe burguês***, que acaba sobressaindo sobre as possíveis diferenças internas e determinando seu programa político geral. Ele é decisivamente comprometido a defender a ordem burguesa do capitalismo sírio. Um de seus diversos "braços" deixa claro tal caráter de classe. Criado em 8 de março, o "Conselho Sírio de Negócios" se auto define como "*uma ampla coalizão de empresários e empresárias que decidiram tomar uma firme posição contra o regime de Assad e oferecer um forte comprometimento em assegurar a estabilidade financeira para uma transição segura para fora de seu regime.*" **[4]**.

Sendo um grupo opositor cuja política se define pelos interesses de setores da burguesia síria, o CNS também se demonstra fundamentalmente pró-imperialista. Apesar de hipocritamente afirmar entre seus princípios a "*proteção da independência e da soberania nacional, e a rejeição de intervenção militar estrangeira*", o Conselho declarou em junho que:

> "… urge ao Conselho de Segurança da ONU convocar uma reunião de emergência para discutir os fatores que levaram ao massacre ocorrido [em Homs] na presença dos observadores das Nações Unidas… O CNS declarou que considera a comunidade

internacional primariamente responsável por tomar decisões que poderiam proteger o povo sírio. Uma dessas decisões seria levar à frente uma resolução do Capítulo 7 [da Carta das Nações Unidas] que permitiria o uso da força para proteger o povo sírio dos crimes do regime de Assad."

***CNS Demanda Por Intervenção Urgente da ONU e Declara 3 Dias de Luto*, Disponível, em inglês, em:** http://www.syriancouncil.org/en/news/item/680-urgent-un-intervention-and-declares-a-3-day-national-mourning.html

Requisitar que seja aplicado ao país o capítulo 7 da "Carta das Nações Unidas" e chamar a ONU para que faça "uso da força" significa nada menos do que pedir por uma intervenção armada no país. Uma intervenção desse tipo daria abertura para que as potências imperialistas utilizassem suas forças militares para derrubar Assad, mascarando a ação como uma "intervenção humanitária" no estilo da que vimos acontecer na Líbia, e que terminaria por fortalecer a dominação do capital imperialista no país.

A ameaça de uma intervenção armada do imperialismo

Entretanto, imersos em uma complicada crise econômica e ainda arcando com os custos de guerras ou ocupações lançadas contra outros países semicoloniais, os imperialismos norte-americano e europeu não atenderam de imediato a esses chamados do CNS.

O próprio presidente da comissão de observadores da ONU enviada para investigar o massacre ocorrido na cidade de Houla, o brasileiro Paulo Pinheiro, reiterou em diversas entrevistas que "*A Síria não uma Líbia*", afirmando também que "*O Exército da Síria tem 300 mil homens. Só para você ter uma ideia, este é o número das Forças Armadas Brasileiras, só que nós somos 200 milhões de pessoas.*" **[5]**. Por essa declaração, fica claro que uma intervenção imperialista geraria altos custos, humanos e financeiros, os quais os Estados imperialistas até esse momento, apesar de tomarem diplomaticamente a defesa da oposição síria, tiveram receio de lançar devido aos seus riscos políticos e militares.

Além da questão militar, há de se levar em conta que "a Síria não é uma Líbia" também no que diz respeito às suas reservas naturais. O país não possui o mesmo potencial de extração de petróleo e outras matérias primas que tanto aguçam os apetites imperialistas, fazendo com que uma intervenção direta não apresente o mesmo tipo de retorno financeiro do que o visado na Líbia.

Outro fator importante são as relações comerciais que o regime de Assad mantém com a Rússia e a China. A Rússia, por exemplo, possui importantes contratos de fornecimento de equipamento militar que rende lhe enormes lucros. Consequentemente, tais países vetaram sistematicamente resoluções de sanções econômicas e outras posturas mais agressivas contra seu parceiro comercial no Conselho de Segurança da ONU, bloqueando a possibilidade de uma intervenção "legal" **[6]**. Esse impasse tem limitado a ONU a enviar missões de observação, enquanto os "Amigos da Síria" cuidam de providenciar suporte ao CNS por debaixo do pano.

Assim, sem um apoio financeiro e militar direto do imperialismo e com um "Exército Livre" em grande parte mal articulado e mal treinado frente a uma poderosa e ainda coesa máquina estatal, o CNS não obterá uma vitória semelhante àquela que o "Conselho Nacional de Transição", apoiado pela intervenção armada da OTAN, atingiu na Líbia contra o regime ditatorial de Kadaffi. Não à toa, mesmo passado mais de um ano do início do conflito, a ditadura de Assad se mantém firme no poder, enquanto o CNS/ELS tem logrado amargas derrotas.

Mas, independente da momentânea indisposição do imperialismo para uma agressão armada contra a Síria, os trabalhadores com consciência de classe em todos os países devem dizer ***Imperialistas: tirem as mãos da Síria!*** Pois uma intervenção desse tipo em um país que já é subordinado ao capital imperialista só faria intensificar a exploração do proletariado em uma nação oprimida. Se os imperialistas intervierem militarmente para apoiar o CNS/ELS, nossa atitude no conflito será tomar o lado militar da nação oprimida, desejando a derrota (ainda que pelas mãos do governo Assad) dos imperialistas e de seus apoiadores nativos.

Nenhum apoio à oposição burguesa do CNS e ao seu "Exército Livre"!

Frente ao impasse no conflito e às dificuldade enfrentadas pela oposição liderada pelo CNS, a ONU tem buscado sistematicamente firmar acordos para uma transição compactuada, que retire Assad do poder, mas mantenha os principais pilares econômicos e militares de seu regime intactos **[7]**.

A luta do CNS contra Assad se pauta por um programa ***burguês***, onde as alas da burguesia síria nele representadas se enfrentam com Assad em busca de um regime que melhor atenda às suas necessidades. Sob o

Bombardeio da OTAN sobre a Líbia em outubro de 2011: é uma tarefa essencial da esquerda revolucionária se contrapor às ameaças imperialistas contra nações oprimidas e impedir que o mesmo se repita na Síria (blog Lybian Free Press).

manto da luta pela democracia e buscando demagogicamente se apoiar nas aspirações justas daqueles que têm tomado as ruas desejando uma vida melhor, o CNS e a "oposição no exílio" nada mais buscam do que uma forma mais eficaz, a seu ver, de explorar o proletariado sírio. Aproveitam-se de um clima generalizado de protestos pró-democracia na região para evitar que a classe trabalhadora tome consciência de seus interesses objetivos e vá além do domínio do capital.

A empreitada liderada pelo CNS não é pela "democracia", mas sim pela gestão do Estado burguês e pelo atendimento de seus interesses próprios enquanto fração da classe dominante, não importando tanto se isso se dará sob uma máscara democrática ou ditatorial. Portanto, ***as investidas políticas e militares do CNS contra o governo Assad não merecem o menor apoio ou simpatia por parte do proletariado***. Elas estão a serviço de um projeto igualmente explorador e submetido às burguesias imperialistas, não obstante a sua demagógica fachada de "luta pela democracia".

O caráter armado do conflito não impõe a defesa de algum dos campos armados em luta, mas apenas a obrigação de combater politicamente ambas as frações dessa disputa onde somente estão em jogo os interesses estreitos da burguesia síria. ***A tarefa atualmente posta na Síria é a criação de movimento da classe trabalhadora que se contraponha aos interesses da burguesia e tome para si a defesa da democracia e do socialismo.***

Portanto, não obstante o caráter altamente reacionário e violento do regime de Assad, os "rebeldes" do "Exército Livre" comandado pelo CNS não merecem nenhum apoio por parte do proletariado sírio e dos revolucionários. Tampouco o merecem os "Comitês Locais", aparentemente mais à esquerda que a "oposição no exílio" à frente do CNS. Os "Comitês", ao estarem organizando massivos protestos de rua, poderiam apresentar um caráter progressivo *apenas se fossem instrumentos que atuassem de forma independente da burguesia*. Mas ao integrarem o CNS, submetendo-se ao seu programa, acabam indo a reboque deste e de seus projetos – tal qual os "rebeldes" armados.

As tarefas colocadas para os revolucionários

Uma luta consequente em torno da democracia e da libertação nacional da Síria implica, necessariamente, o choque com os interesses do capital nacional e imperialista, que foram os responsáveis pela manutenção do regime ditatorial por tantos anos. Uma transição pactuada ou dirigida pelo CNS, mesmo que esse seja encabeçado por elementos burgueses que se opõem ao regime de Assad, tratará de manter a exploração da classe trabalhadora e a continuidade de uma série de aparatos repressivos, que permanecerão voltados contra o proletariado – a única classe que realmente representa uma ameaça aos seus interesses.

Encaramos assim, que a tarefa colocada para os revolucionários na Síria é de intervir em todos os protestos de rua pró-democracia que tenham um caráter mais à esquerda, buscando convencer a juventude e demais elementos que se inspiram nos "Comitês Locais de Coordenação" de que o CNS e seus braços auxiliares não são capazes de garantir uma verdadeira democracia, além de buscar prioritariamente expandir esse convencimento ao proletariado.

Concretamente, se faz necessário proteger os protestos de rua contra os massacres de Assad, através da urgente organização de **comitês de autodefesa dos trabalhadores**. A defesa dos protestos contra os ataques do ditador é uma medida básica para garantir o direito da classe trabalhadora e outros setores oprimidos de se reunir, discutir política e lutar contra o governo. Mas essa defesa deve ser feita com os métodos independentes do proletariado, e combinada com uma campanha implacável de denúncia contra o CNS, e de sua meta proimperialista, como parte de uma luta mais ampla para ganhar o proletariado sírio para um programa de ruptura com o capitalismo.

Está na ordem do dia começar a construção de uma organização revolucionária dos trabalhadores da Síria. Este partido deverá ser o núcleo de uma luta verdadeiramente revolucionária dos trabalhadores do país, capaz de pautar a luta pelo fim do capitalismo através do enfrentamento aos efeitos da crise econômica sobre os trabalhadores sírios, visando uma melhoria radical das suas condições de vida, tornando o proletariado a classe dominante. Um partido que lute pela construção de uma revolução socialista, e não de uma variante do regime burguês.

Opressão nacional e religiosa

Duas outras questões importantes impõem-se ainda no conflito sírio e merecem grande atenção dos revolucionários. Elas dizem respeito a formas específicas de opressão que acabam por dividir a luta dos trabalhadores em marcos sectários e, consequentemente, são instrumentalizadas pela burguesia no intuito de se fortalecer enquanto classe dominante.

Na síria existem diversas seitas ligadas ao credo islâmico. A elite governante é largamente ligada à facção alauíta, um subgrupo dos muçulmanos xiitas que são minoria no país (cerca de 10% da população), e defensores de uma forma de governo mais próxima da laicidade. Já o CNS é majoritariamente composto por muçulmanos sunitas, seita que congrega a maior parte da população. Através da Irmandade Muçulmana, uma das maiores forças dentro do Conselho, este acaba se ligando à defesa fundamentalista de que a legislação do país esteja de acordo com a Sharia, um código de leis dentro do islã – uma posição intrinsicamente reacionária **[8]**.

Como consequência do conflito entre tais seitas, os "rebeldes" ligados ao CNS vêm perpetrando atos de perseguição religiosa contra membros de outros credos nas cidades onde têm atingido maior expressão, visando impor uma supremacia sunita **[9]**. A minoria cristã presente no país, por exemplo, tem demonstrado amplo apoio à Assad, alegando medo de que um provável governo sunita libere uma onda de perseguição religiosa **[10]**. Como esses senhores do CNS podem ser "defensores da democracia", ou diferentes

Curdos protestam no norte da Síria, onde têm angariado certa autonomia graças à desorganização gerada pelo conflito armado. As bandeiras da foto utilizam o mesmo símbolo do movimento por independência surgido nos anos 1920, quando os curdos eram parte do Império Otomano (worldnewstribune.com).

de Assad, se sequer defendem uma Constituição laica?

Isso só reforça o papel reacionário que as religiões tendem a cumprir no contexto da luta de classes. Elas obscurecem a consciência do proletariado enquanto classe e o dividem em grupos opostos com base em marcos alheios aos seus interesses objetivos, que acabam por aproximá-los da burguesia e apagar suas diferenças de interesses, fortalecendo assim o capital. Por isso é fundamental que os revolucionários ensinem aos trabalhadores que eles são *irmãos de classe* independente de qualquer credo e que seu único inimigo verdadeiro é a burguesia, garantindo a segurança daqueles que têm sido atacados por conta de sua crença. E mais do que isso, os revolucionários devem combater as diversas formas de ideologias obscurantistas propagadas pelas religiões, uma vez que apenas uma compreensão materialista da realidade é capaz de levar a um programa político coerente e correto.

Há também uma opressão de caráter nacional na Síria. Uma parte da população se identifica enquanto um grupo nacional à parte, os curdos. Estes sistematicamente tiveram sua nacionalidade negada através de um processo de assimilação forçada, que buscou e continua a buscar a supressão da sua identidade através da proibição da sua língua e de outras manifestações culturais próprias.

Devido à existência de tal opressão, as próprias lideranças burguesas da oposição curda à Assad deixaram o CNS em 6 de abril, por não se sentirem contempladas dentro da hierarquia de decisões do Comitê **[11]**. Tais lideranças, assim como os demais setores burgueses, não merecem confiança do proletariado, pois só estão interessadas em manter a exploração econômica dos trabalhadores curdos, o que reforça a necessidade de uma via classista para assegurar uma democracia real no país, que seja capaz de acabar com essa opressão nacional.

Para ganhar a confiança dos trabalhadores curdos da Síria, é fundamental que os revolucionários lutem por seus **direitos nacionais**, ao mesmo tempo em que lutam para que estes tenham os mesmos direitos e condições sociais que os demais trabalhadores sírios. Mas essa batalha deve se dar em conjunto com uma denúncia dos interesses do nacionalismo burguês, que são antagônicos aos dos trabalhadores.

A atualidade da Teoria da Revolução Permanente

A incapacidade da oposição burguesa à ditadura de Assad de garantir o estabelecimento de uma democracia verdadeira, que contemple os direitos nacionais da minoria curda, que garanta a liberdade religiosa aos diferentes credos e também um Estado laico, e que rompa com a dominação imperialista sobre o país, demonstra a enorme atualidade da **Teoria da Revolução Permanente** formulada por Leon Trotsky:

> "Para os países de desenvolvimento burguês retardatário e, em particular, para os países coloniais e semicoloniais, a teoria da revolução permanente significa que a solução verdadeira e completa de suas tarefas democráticas e nacional-libertadoras só é concebível por meio da ditadura do proletariado, que assume a direção da nação oprimida e, antes de tudo, de suas massas camponesas."
>
> ***A Revolução Permanente*, Leon Trotsky. Disponível em:**
> http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1929/11/rev-perman.htm
>
> "Para os partidos revolucionários dos países atrasados da Ásia, América Latina e África, a compreensão clara da relação orgânica entre a revolução democrática e a revolução socialista internacional é uma questão de vida ou morte."
>
> ***90 Anos do Manifesto do Partido Comunista, Leon* Leon Trotsky. Disponível em:**
> http://www.marxists.org/portugues/trotsky/1937/10/30.htm

A vinculação estrutural da débil burguesia síria ao imperialismo faz com que essa seja incapaz de garantir direitos democráticos e de independência nacional frente ao capital imperialista. A burguesia síria, inclusive os seus setores organizados no CNS, não só não deseja uma "revolução democrática", como objetivamente não pode se dedicar a uma. Como já afirmamos, uma transição do regime de Assad dirigida pelo CNS ou qualquer outro setor burguês não daria conta de resolver nenhum dos problemas democráticos e nacionais da Síria, pois para isso seria necessário um ataque feroz a muitos dos pilares do capitalismo no país: a submissão ao capital imperialista, a opressão nacional aos curdos, a opressão aos diferentes credos religiosos e a democratização do acesso à terra.

Para os países que se industrializaram de forma extremamente tardia, em um cenário de

integração a um mercado capitalista mundial, a força social que mantém tais resquícios de arcaísmo no país é uma burguesia nacional organicamente vinculada ao capital imperialista e dele dependente.

Cabe ao proletariado, portanto, implementar tais tarefas democráticas e nacional-libertadoras. A derrubada do regime sírio só vai ser capaz de solucionar as tarefas democráticas e nacionais pendentes no país se significar também a derrubada da classe burguesa, que permitiu a um tirano como Assad governar durante tanto tempo. Caso contrário, a esperança dos trabalhadores sírios não será materializada em conquistas democráticas e sociais, mas desviada para um pântano de ilusões no CNS, e as massas oprimidas serão enganadas pelos novos candidatos a tiranos, que tratarão de logo de garantir a sua dominação do país e a satisfação dos seus interesses burgueses.

Expropriar a burguesia e construir um governo direto dos trabalhadores é a única saída viável para garantir uma democracia real na Síria, conectando a luta democrática com a luta pelo socialismo de forma direta e ininterrupta.

NOTAS

[1] *Intervenção militar na Síria será catastrófica*. O Globo, 2 de junho de 2012.

[2] *Munição para a guerra civil síria*. O Globo, 14 de junho de 2012.

[3] *Coalition of Factions From the Streets Fuels a New Opposition in Syria*. http://www.nytimes.com/2011/07/01/world/middleeast/01syria.html?pagewanted=all

[4] Conferir descrição do Conselho Sírio de Negócios, em inglês, em: http://www.syriancouncil.org/en/press-releases/item/601-snc-supports-the-formation-of-the-syrian-businessmen-council.html

[5] *Intervenção militar na Síria será catastrófica*. O Globo, 2 de junho de 2012.

[6] *O que acontece na Síria é uma guerra civil?* Disponível em: http://m.folha.uol.com.br/ilustrissima/1104406-o-que-acontece-na-siria-e-uma-guerra-civil.html

[7] *Líderes propõem órgão de transição na Síria, com governo e oposição*. Disponível em: http://www.estadao.com.br/noticias/internacional,lideres-propoem-orgao-de-transicao-na-siria-com-governo-e-oposicao,893950,0.htm

[8] *A Irmandade Muçulmana é a principal força política da oposição síria e o pior inimigo de Assad*. Disponível em: http://m.noticias.uol.com.br/midiaglobal/lavanguardia/2012/04/05/a-irmandade-muculmana-e-a-principal-forca-politica-da-oposicao-siria-e-o-pior-inimigo-de-assad.htm

[9] Relatório de observadores da ONU relata que "*(...) a Comissão registrou um número crescente de incidentes nos quais as vítimas parecem ter sido alvos de ataques por seu grupo religioso*". Trecho disponível em: http://g1.globo.com/revolta-arabe/noticia/2012/06/investigacao-da-onu-revela-aumento-da-violencia-sectaria-na-siria-em-crise.html

[10] *Família cristã expulsa de Homs apoia ditador*. O Globo, 6 de junho.

[11] *Kurdish opposition quits Syrian National Council*. Disponível, em inglês, em: http://www.dailystar.com.lb/News/Middle-East/2012/Apr-06/169407-kurdish-opposition-quits-syrian-national-council.ashx#axzz1y6bNBvWV

☭

Movimento dirigido pela oposição burguesa ou "revolução democrática"?

O Morenismo e a Posição da CST (UIT) na Síria

Por Leandro Torres, outubro de 2012

Recentemente publicamos uma declaração **[1]** sobre o conflito que vem se desenvolvendo na Síria entre a ditadura de Bashar al-Assad e as tropas armadas da oposição burguesa organizada no Conselho Nacional Sírio (CNS), que tenta se impor enquanto uma liderança para o país. Em nossa declaração, insistimos na importância fundamental de organizar um movimento da classe trabalhadora, em oposição a todos os setores da burguesia — inclusive os rebeldes dirigidos pelo CNS. Compartilhamos imenso ódio contra a ditadura burguesa de Bashar, mas acreditamos que a vitória de um movimento armado dirigido pela oposição burguesa da Síria não pode representar nenhum tipo de interesse (nem democrático e nem social) para classe trabalhadora.

A Unidade Internacional dos Trabalhadores (UIT) e sua seção brasileira, a Corrente Socialista dos Trabalhadores (CST) – corrente interna do PSOL à qual é ligado o ex-parlamentar Babá – defendem uma política bem diferente disso. A explicação para essa divergência está no abismo existente entre o programa trotskista e o programa formulado e defendido historicamente pelo dirigente argentino Nahuel Moreno. A UIT surgiu em 1995, a partir de um racha na Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT), a organização internacional dirigida pelo PSTU e fundada por Moreno. A própria CST é um racha mais tardio do PSTU brasileiro e segue reivindicando o legado teórico de Moreno.

A "revolução democrática" morenista

Esse conceito é uma pedra angular da teoria revisionista criada por Nahuel Moreno para justificar seus próprios ziguezagues oportunistas. Em seu livro *As Revoluções do Século XX* (1984), Moreno realiza uma verdadeira distorção do conceito de revolução, para encaixá-lo em suas próprias necessidades de enxergar nas lutas contra as ditaduras da América Latina (então em desenvolvimento) possíveis "revoluções democráticas triunfantes" que teriam sido lideradas por setores da burguesia. O conceito de revolução defendido por Moreno acaba por esvaziá-lo de seu conteúdo classista e revolucionário:

"O que Trotsky não colocou, apesar do paralelo que fez entre o stalinismo e o fascismo, foi que também nos países capitalistas era necessário fazer uma revolução no regime político: destruir o fascismo para reconquistar as liberdades da democracia burguesa, ainda que fosse no terreno dos regimes políticos da burguesia, do Estado burguês. Concretamente, não colocou que era necessária uma revolução democrática que liquidasse o regime totalitário fascista, ***como parte ou primeiro passo do processo até a revolução socialista***, e deixou pendente este grave problema teórico."

— *As Revoluções do Século XX*, Nahuel Moreno, 1984 (ênfase nossa).

Delineando uma estratégia semietapista para o combate às ditaduras em geral e a realidade latino-americana da época em particular, Moreno precisou falsificar deliberadamente o pensamento de Trotsky, que foi muito claro ao lidar com a questão das tarefas dos revolucionários frente a uma ditadura burguesa (no caso, o fascismo). O programa trotskista encarava que a derrubada de ditaduras burguesas deveria se dar através de uma revolução proletária, capaz de erguer um Estado da classe trabalhadora, e de expropriar inclusive os setores "democráticos" da burguesia. Ou seja, nada de "revolução no regime político" como "primeiro passo do processo até a revolução socialista". O pensamento de Trotsky e da Quarta Internacional eram justamente a antítese de todo e qualquer etapismo:

"Isso significa que a Itália [fascista] não pode, por certo tempo, novamente se tornar um Estado parlamentar ou se tornar uma 'república democrática'? Eu considero – em perfeito acordo com vocês, eu acho – que essa eventualidade não está excluída. Mas então, não seria fruto de uma revolução burguesa, mas sim ***o aborto de uma revolução proletária insuficientemente madura e prematura***. No caso de uma profunda crise revolucionária e de batalhas de massas no curso das quais a vanguarda proletária não tome o poder, possivelmente a burguesia irá restaurar seu domínio sobre bases 'democráticas'."

— *Problems of the Italian Revolution*, Leon Trotsky, 1930 (ênfase nossa). Disponível em inglês em: http://www.marxist.com/problems-italian-revolution-trotsky1930.htm

Já Moreno preferiu definir como "revoluções vitoriosas" processos políticos hegemonizados pela burguesia, deixando o programa da revolução proletária para os dias de festa e defendendo vergonhosamente a necessidade de uma etapa ("primeiro passo") democrático-burguesa que precedesse a revolução socialista na luta contra regimes ditatoriais burgueses. Durante essa luta, caberia aos morenistas apoiar os movimentos dirigidos por forças burguesas e leva-las ao poder, deixando para um futuro incerto a necessidade concreta da revolução socialista. Na realidade, portanto, essa "revolução democrática" no regime burguês, a ser liderada por partidos de outras classes, nada mais é do que uma receita para manter o proletariado iludido de que está conquistando "vitórias revolucionárias" enquanto na verdade permanece sob o domínio da burguesia e do imperialismo.

As tarefas revolucionárias na Síria e a posição da CST

No que tange às tarefas revolucionárias na Síria, defendemos em nossa declaração a necessidade de criar um amplo movimento do proletariado, politicamente independente das forças burguesas. Através de demandas transitórias, caberia a esse movimento combinar um combate aos efeitos da crise econômica (como o crescimento do desemprego e do preço dos alimentos), com uma luta consequente por liberdades democráticas e pelo socialismo. Apontamos também que a burguesia síria está umbilicalmente ligada ao "arcaísmo" existente hoje no país, cuja face mais evidente é o fundamentalismo religioso de muitas de suas frações e a submissão política e dependência estrutural de toda essa classe com relação às burguesias imperialistas. O sucesso de uma luta pelos direitos democráticos na Síria, que incluem a emancipação das mulheres, da minoria curda, a distribuição da terra e a libertação do país contra o imperialismo passam necessariamente pela expropriação dos capitalistas.

A direção da UIT às vezes cria a impressão de que defende os mesmos princípios gerais que acabamos de expor. Por exemplo:

"Fraternalmente nós dizemos ao heroico povo sírio que apenas um governo baseado em suas próprias organizações insurgentes de base, como os Comitês Locais de Coordenação e organizações operárias e populares, o rechaço à intervenção imperialista e a ruptura e expropriação do imperialismo e do clã de Assad, pode leva-los a conquistar seus objetivos democráticos e sociais de fundo."

— *Siria: ¡basta de masacres al pueblo!*, de março de 2012. Disponível em espanhol em: http://www.uit-ci.org/index.php/noticias-y-documentos/revolucion-arabe/2-siria-ibasta-de-masacres-al-pueblo

Porém, analisando com mais cautela tal declaração, logo ficam evidentes duas importantíssimas diferenças. A primeira delas diz respeito aos Comitês Locais de Coordenação, que a UIT chama a comporem um governo junto a "organizações operárias e populares". A princípio, um governo composto de "organizações operárias e

populares" poderia ser entendido enquanto um governo direto dos trabalhadores – um governo de tipo soviético, assentado sobre um Estado proletário. Mas acontece que os "Comitês Locais", que vêm transmitindo notícias sobre os conflitos e ajudando na convocação e organização dos atos de ruas, compõem a coalização da oposição burguesa proimperialista, o citado Conselho Nacional Sírio.

Nesse sentido, esse órgão está politica e organizativamente submetido à mesma burguesia que tem pedido repetidamente para que a ONU realize um intervenção armada no país, o que só serviria para apertar ainda mais a corda imperialista que já sufoca o pescoço do povo sírio. Um governo composto por tal organização seria, necessariamente, não um governo direto dos trabalhadores, mas o governo de um braço subordinado do CNS.

Considerando que a UIT compôs no último 1º de maio uma reunião de "solidariedade internacional ao povo sírio e à revolução", realizada em Regueb (Tunísia) **[2]**, não podemos ter dúvidas que estes não sabem dessa submissão dos "Comitês Locais" ao CNS. Como veremos mais adiante, seu apoio aos "Comitês", a "ala esquerda" do CNS burguês, não é um equívoco derivado da falta de informações, mas sim uma política consciente.

Quanto à segunda diferença, essa diz respeito à tarefa revolucionária de se expropriar a burguesia enquanto classe. A declaração da UIT chama pela "expropriação do imperialismo e do clã de Assad", o que sem dúvidas colocaria nas mãos do proletariado importantes recursos agrônomos, industriais e tecnológicos. Mas e quanto à burguesia nativa que não é parte do "clã Assad"? Acaso os empresários proimperialistas do CNS merecem o perdão do proletariado por anos de conivência com Assad e de exploração dos trabalhadores só porque decidiram deflagrar um conflito armado e governar por si próprios o país?

A ausência de um chamado claro para a expropriação de toda a burguesia síria (incluindo os supostos "líderes" burgueses da suposta "revolução"), somada ao apoio aos "Comitês Locais de Coordenação" nos diz muito sobre a posição da UIT na Síria. Essa posição só faz sentido se sairmos do campo do trotskismo e nos embrenharmos na oportunista tradição morenista.

A UIT, embora criticando os líderes do CNS, disfarça o caráter burguês do movimento armado que ele dirige na luta pelo poder. Esse malabarismo não é ao acaso: serve para disfarçar o apoio dado pela UIT a esse movimento, com a esperança de que ele represente um "primeiro passo" para a vitória da classe trabalhadora. Considerando implicitamente que o conflito na Síria seria uma "revolução democrática" contra um regime ditatorial, a UIT:

> "(...) chama a mais ampla unidade de ação mundial, a todos os sindicatos, movimento populares, correntes de esquerda, democráticas e anti-imperialistas para parar os massacres e apoiar incondicionalmente a rebelião popular para derrubar a ditadura de Al Assad. Reivindicamos dos governos a ruptura de relações com a ditadura síria. Convocamos a repudiar todo intento de intervenção imperialista! Que os povos e a juventude dos países árabes, em especial do Egito, Líbia e Tunísia, se mobilizem para exigir de seus governos que enviem armas e voluntários ao povo rebelde sírio!"

Seguindo a lógica de que o conflito sírio é uma "revolução" ao estilo morenista, não se faz necessário falar em classes, mas sim em "povo sírio" em geral (que aliás, não parece incluir a minoria curda e também minorias religiosas que temem e desconfiam da oposição). Não vale a pena compreender qual força de classe é a direção política do movimento oposicionista, ou qual é o seu programa, mas sim "apoiar incondicionalmente a rebelião popular". Não vale a pena defender a criação de um movimento proletário politicamente independente da oposição burguesa e de seus braços, como os Comitês Locais de Coordenação, mas sim "exigir dos governos que enviem armas e voluntários ao povo rebelde sírio".

Marxistas não agem dessa forma. Frente a todo e qualquer processo de luta, analisamos as classes envolvidas. No caso da Síria, os setores diretamente em luta são a odiosa oposição burguesa proimperialista do CNS, que dirige o movimento rebelde, e a igualmente odiosa burguesia ditatorial representada por Assad. Defendemos um programa próprio do proletariado. Por isso dizemos claramente que a vitória de qualquer um dos lados burgueses não significa nenhum "passo" ou um avanço com relação à perspectiva revolucionária.

A nota de um grupo com o qual a UIT mantém relações fraternais e que foi reproduzida no seu site, indicando uma concordância política em termos gerais, corretamente reconhece que:

> "A falta da intervenção ativa da classe trabalhadora na revolução e a carência de uma direção política revolucionária cria uma situação de 'empate' e faz com que os que buscam uma saída em uma intervenção do imperialismo ganhem terreno dentro da oposição."
>
> — *La ONU y Bashar contra la revolución Siria*,

Protesto ocorrido em fevereiro de 2012: a popularidade de um movimento não é critério para que os revolucionários o apoiem ou não (article.wn.com).

de abril de 2012. Disponível em espanhol em: http://uit-ci.org/index.php/noticias-y-documentos/noticias-internacionales/54-la-onu-y-bashar-contra-la-revolucion-siria

Entretanto, a ausência da classe trabalhadora organizada e a falta de sua "intervenção ativa" não impedem que a UIT considere o processo como "revolucionário". Então qual classe "revolucionária" está à frente de um processo caracterizado como tal? Apesar de criticar o CNS, a UIT parece tirar a conclusão de que um movimento "sem a intervenção ativa da classe trabalhadora", que age sob o seu programa burguês, segue a sua liderança e nutre ilusões nas suas promessas, poderia representar os interesses revolucionários da classe trabalhadora.

Seguindo a cartilha morenista, a UIT se coloca do lado da oposição burguesa liderada pelo CNS, caracterizando seu movimento como "revolução", e não tira dessa situação de guerra civil a conclusão da necessidade urgente de construir um partido revolucionário, capaz de levar as massas trabalhadoras a cumprir um papel protagonista em uma luta contra a ditadura burguesa e também em oposição ao CNS pró-imperialista. Esse seria o único processo, diferentemente do atual, merecedor do nome de revolução. Na nota dos colaboradores internacionais da UIT, afirma-se que:

> "Construção de comitês de solidariedade com a Revolução síria; cooperação destes comitês de solidariedade com os Comitês Locais de Coordenação, que são auto-organizações de massas que lideram as mobilizações; fornecimento de armas, munição e material de saúde para as forças revolucionárias; daria um impulso enorme à Revolução síria."
>
> — *Idem.*

Da mesma forma que seus companheiros da UIT, o "Comitê Internacional de Enlace" **[3]** que assina tal nota embeleza os "Comitês Locais" submissos ao CNS, defende o fortalecimento das "forças revolucionárias" armadas (que não podemos entender senão enquanto o fortalecimento do Exército Livre da Síria, braço armado do CNS financiado por países burgueses vizinhos e potências imperialistas) e secundariza ou mesmo ignora a necessidade de um partido revolucionário e mesmo de um proletariado que se diferencie politicamente da burguesia e das "massas" em geral.

Diferente da UIT, nós nos baseamos no legado de Leon Trotsky, e não no de Moreno, opostos pela raiz. Para nós na Síria hoje, um governo do CNS ou mesmo da sua "ala esquerda", os Comitês de Locais de Coordenação, não seria senão "o aborto de uma revolução proletária insuficientemente madura e prematura". Uma vez no poder, estes dirigentes burgueses virariam as armas do seu Exército "Livre" contra qualquer um que ousasse organizar uma oposição proletária e falar em expropriação

Tropas do CNS: os "rebeldes" são, em sua maioria, opositores armados pelo bloco de países burgueses denominado "Amigos da Síria", incluindo os EUA (thelevantpost.com).

da burguesia ou ruptura com o imperialismo. Traição e derrota: é exatamente isso que espera o proletariado sírio no caso de este apoiar uma vitória do CNS, seja este a governar diretamente, ou mesmo os Comitês Locais de Coordenação a ele subordinados. A UIT, como tantos outros grupos na esquerda, está preparando o clima para que os trabalhadores sírios sejam arrastados a uma armadilha.

NOTAS

[1] Conferir *O Conflito Sírio e as Tarefas dos Revolucionários,* de setembro de 2012. Disponível na página 3 desse número.

[2] Conferir *Llamamiento de Regueb-Tunez en apoyo al pueblo sirio*. Disponível em espanhol em: http://www.uit-ci.org/index.php/noticias-y-documentos/revolucion-arabe/64-llamamiento-de-regueb-tunez-en-apoyo-al-pueblo-sirio

[3] Composto pelos grupos Luta Internacionalista, da Espanha, e Frente Operária, da Turquia.

☭

Debate com a Fração Trotskista (LER-QI)

Os rebeldes na Líbia e na Síria e a posição revolucionária

Rodolfo Kaleb, janeiro de 2014

Em um artigo de 2013 lidando com os desenvolvimentos da guerra civil que se desenrola há quase três anos na Síria, no qual critica diferentes posições políticas na esquerda, a Liga Estratégia Revolucionária – Quarta Internacional (seção brasileira da Fração Trotskista) destacou, com uma nota de rodapé, o seguinte aspecto referente à guerra imperialista lançada contra a Líbia no ano de 2011:

> "Algumas correntes de origem espartaquista criticam a possibilidade de alianças tático-militares com os setores rebeldes na Líbia, não por embelezar Kadafi como uma direção 'anti-imperialista', mas por considerar que a intervenção militar imperialista configurava uma guerra de opressão nacional, motivo pelo qual os revolucionários supostamente deveriam se localizar no campo militar oposto a essa intervenção com um programa político independente. Essa lógica erra porque não considera que, mesmo tendo sido o levante das massas contra Kadafi desviado e controlado pelas direções burguesas aliadas ao imperialismo, seguia sendo sob essa base – por ter sido a protagonista de ações espontâneas de massa – que seria mais fecunda a luta política para colocar de pé um setor de vanguarda da classe trabalhadora com uma política independente das distintas frações burguesas."
> — *A crise Síria e a necessidade de uma política revolucionária*, 25 de setembro de 2013.
> http://www.ler-qi.org/A-crise-Siria-e-a-necessidade-de-uma-politica-revolucionaria

É um pouco óbvio para os que acompanham nossas publicações que essa crítica, apesar de não sermos nominalmente citados, é dirigida a nós, assim como possivelmente a outros grupos de "origem espartaquista". No nosso caso, isso deve dizer respeito ao fato de que reivindicamos que nas décadas de 1960 e 1970, a Liga Espartaquista dos Estados Unidos foi o grupo que melhor representou a continuidade da estratégia e do programa do trotskismo após a destruição da Quarta Internacional pelo revisionismo pablista. Posteriormente, a Liga Espartaquista (e sua corrente internacional) evoluiu cada vez mais para se tornar o que é hoje: uma seita burocratizada, realizando capitulações recorrentes tanto ao stalinismo quanto ao imperialismo **[1]**.

Nós polemizamos diretamente com a LER-QI (FT) em nosso texto sobre a Líbia em 2011 e discutimos ativamente sobre o assunto com sua militância no Rio de Janeiro. Não temos conhecimento de outras críticas (ao menos não da mesma profundidade) escritas sobre a LER-QI por qualquer outra corrente de "origem espartaquista". Mas, deixando de lado o fato de que tal crítica poderia ter sido feita de forma mais direta e clara a nós e outros grupos, o parágrafo faz inicialmente uma descrição justa da posição que adotamos na guerra imperialista contra a Líbia em 2011, ocasião em que criticamos a posição adotada pela FT **[2]**. Aproveitamos então para dar continuidade a tal polêmica, esclarecendo melhor alguns pontos.

O caráter da guerra na Líbia

A LER-QI questiona o fato de que consideramos que *"a intervenção militar imperialista configurava uma guerra de opressão nacional"*. Afirmamos que na Líbia se deu, cerca de um mês após o início da guerra civil interna, no qual se confrontavam os rebeldes de um lado e o exército de Kadafi de outro, uma investida imperialista em larga escala, liderada por França, Inglaterra e Estados Unidos, no qual os imperialistas adotaram o lado dos rebeldes e se coordenaram com eles para impor sobre a população da Líbia os seus interesses. Não conseguimos entender o que a LER-QI quer dizer com tal questionamento. Ela não faz nenhuma tentativa séria de demonstrar porque a guerra não seria (a partir de 20 de março de 2011, com o início dos bombardeios de auxílio aos rebeldes) uma guerra de caráter imperialista.

A LER-QI não nega que a intervenção aconteceu, pelo contrário: diz se posicionar contra ela. Concorda que eram potências imperialistas atacando (em colaboração com os rebeldes) buscando derrubar a ditadura de Kadafi para impor seus próprios interesses. Como se deve chamar uma intervenção na qual as potências capitalistas atacam o governo de uma nação oprimida (por mais tirano que seja tal governo) para derrubá-lo? Para nós, isso se chama uma guerra imperialista contra uma semicolônia moderna. Todas as formulações anteriores da FT parecem apontar para isso:

> "Os imperialismos, legitimados como 'apoiadores' dos rebeldes pela política da CNT, esperaram longos meses até que esta direção tivesse legitimidade suficiente, para então armar as milícias controladas pela direção burguesa. O resultado não tardou. ***David Cameron e Nicolas Sarkozy marcharam triunfantes por Benghazi*** ao lado da CNT tendo sido 'como heróis'...".
>
> ...
>
> "A dialética existente na Líbia é que apesar de haver caído uma ditadura sangrenta, isso não se transformou em uma vitória para as massas, posto que ***está sendo capitalizado pelos imperialismos*** e pelo CNT. Esta conclusão é a derivação do fato de que não se pode separar a queda da ditadura da maneira como ela se deu. E não aconteceu a partir da ação independente das massas, mas sob o apoio da OTAN. A derrubada de uma ditadura não pode ser considerada em si um 'tremendo triunfo para as massas', se ***quem se beneficia são os imperialismos***."
> — *Até quando a LIT-PSTU seguirão insistindo em seus erros?* 1º de outubro de 2011. Ênfase nossa.
> www.ler-qi.org/spip.php?article3146

Rebeldes sírios (2013): “*Nós pedimos por uma intervenção militar para nos salvar, mas vocês interviram com inteligência para salvar seus interesses*” [standart.co.uk].

Nesse caso, os imperialistas contaram com o apoio de uma força militar nativa, forjada sob a liderança do reacionário Conselho Nacional de Transição líbio, que foi o exército rebelde. Isso não apaga o fato de que os bombardeios aéreos imperialistas, os veículos aéreos não-tripulados, o apoio técnico e treinamento militar oferecido aos rebeldes – tudo isso foi central para que triunfasse a aliança entre rebeldes e imperialistas. Em dado momento, a LER-QI chegou a elaborar uma descrição dos rebeldes que achamos excelente para explicar o papel por eles cumprido: “tropas terrestres” do imperialismo.

> “A preponderância da ação imperialista não foi um ‘detalhe’, como quer fazer parecer a LIT: ela negou a possibilidade de uma atuação independente das massas, fazendo com que os ‘rebeldes’ atuassem enquanto ‘tropa terrestre’ da intervenção aérea das potências, seguindo seus planos...”.
>
> ...
>
> “Não basta, agora e tardiamente, alertar sobre o CNT. É preciso entender a mudança da situação, que ora favorece grandemente a burguesia imperialista. Subestimar com o papel da OTAN como ator fundamental da queda de Kadafi ajuda a alimentar ilusões de que os inimigos dos povos oprimidos podem atuar em favor de seus interesses.”
>
> — *A LIT acha progressista a “unidade de ação entre as massas e o imperialismo” na Líbia?*1º de setembro de 2011.
> http://www.ler-qi.org/A-LIT-acha-progressista-a-a-unidade-de-acao-entre-as-massas-e-o-imperialismo-na-Libia

De fato, a intervenção imperialista não foi um “detalhe”. A OTAN foi o “ator fundamental” na queda do governo ditatorial de uma nação oprimida. Como é possível então questionar que ocorreu uma guerra de opressão imperialista contra a Líbia? Para nós, essa situação “parece-se muito” com uma guerra desse tipo. Em outros casos de guerra dos imperialismos contra uma semicolônia, nas quais estes tinham o mesmo objetivo de derrubar um governo ditatorial, mas para seus próprios interesses, a LER-QI tomou corretamente o lado do governo da nação oprimida, como foi o caso da guerra contra o Iraque em 2003. Nessa ocasião, a LER-QI compreendeu que “o ponto de partida do programa revolucionário é definir que a guerra do Iraque é uma clara guerra de agressão imperialista contra uma nação oprimida”. E definiu sua linha da seguinte forma:

> “Neste tipo de guerras, os revolucionários nos localizamos no campo militar dos países semicoloniais, ***independentemente do caráter do regime que os governe porque o triunfo do país imperialista significará duplas correntes para o povo da nação semicolonial***, e padecimentos piores ainda do que com sua ditadura doméstica. No caso do Iraque nos localizávamos pela derrota militar do imperialismo norte-americano e de sua coalizão, apesar do caráter reacionário e ditatorial de Saddam Hussein.”
>
> — *O movimento anti-guerra e a guerra/ocupação do Iraque*, junho de 2005. Ênfase nossa.
> http://www.ler-qi.org/spip.php?article551

Os imperialistas sempre contam (em maior ou menor escala) com o apoio de setores da burguesia nativa, que é uma classe essencialmente reacionária. No Iraque, por exemplo, o imperialismo norte-americano contou com o apoio de grande parte da burguesia curda (os esquadrões “Peshmerga”), e estas forças acabaram tendo popularidade devido ao histórico de opressão de Saddam Hussein contra o povo curdo e tentaram se apresentar como “libertadores”. Isso não deve mudar o fato de que os revolucionários se localizaram no campo militar oposto ao imperialismo (e àqueles que o apoiaram), ao mesmo tempo em que denunciariam a opressão e os crimes de Saddam Hussein contra a classe trabalhadora e o povo curdo, e suas décadas de colaboração com o imperialismo.

Quando se trata da Líbia, entretanto, a LER-QI utiliza o fato do que antes chamou de “tropas terrestres do imperialismo” terem certo apoio popular (e também na esquerda oportunista) para se esquivar de tratar a situação como um caso de guerra imperialista. Como já argumentamos em nossa polêmica anterior, o fato de não haver unanimidade na esquerda (como houve no caso do Iraque) e de partidos dos quais a FT busca constantemente se aproximar (como o PO argentino) terem apoiado a “revolução” dos rebeldes líbios aumentou a pressão para que a ela tomasse uma posição dúbia e vacilante, evitando a caracterização óbvia de que se tratou de uma guerra de opressão imperialista. Caracterização essa que, conforme a LER-QI deixou claro em 2005, em relação ao Iraque, não deixa dúvidas para qual deve ser a tarefa dos revolucionários, “independentemente do caráter do regime” da nação sob ataque imperialista.

Dessa forma, a nossa crítica a LER-QI sempre se baseou no fato de que, apesar de reconhecer o papel decisivo do imperialismo na dinâmica dos acontecimentos na Líbia (ao contrário do que fizeram o PSTU e outras correntes, que simplesmente taparam os olhos para isso e adotaram uma caracterização oportunista de “revolução” liderada pelo CNT em colaboração com a OTAN), a LER-QI não tomou as posições políticas compatíveis com a situação que por vezes ela própria descreveu. Agora ela está tentando fazer malabarismos teóricos ao dizer que não teria se tratado de uma guerra de opressão imperialista, para justificar o fato inexplicável de que ***não tomou*** a posição de defesa militar

(mantendo o combate político contra) do governo da nação oprimida, que se confrontava, apesar de seus interesses originais, com o imperialismo e sua "tropa terrestre". **[3]**

(Para mais detalhes no que diz respeito a quais táticas e palavras de ordem os revolucionários poderiam usar para, ao mesmo tempo em que combatiam os imperialistas e rebeldes, lutar contra a ditadura de Kadafi, recomendamos a leitura de nossa polêmica anterior e também dos demais materiais reunidos no livreto *"Líbia e a Esquerda"*, que contém também declarações e polêmicas com outros grupos).

Os vaivéns na caracterização do movimento rebelde na Síria e Líbia

Quando tomamos o lado contrário à intervenção imperialista e seus lacaios rebeldes na Líbia, não estávamos indo contra nenhum "levante das massas contra Kadafi". É certo que os rebeldes tinham certo apoio popular, mas esse exército nada tem a ver com essa imagem que os morenistas (PSTU e cia.) e outros revisionistas tentaram criar. Ademais, Kadafi também tinha grande apoio popular, como demonstrou em atos massivos na capital e isso em nada afeta nossa linha de oposição estratégica contra ele. A LER-QI está inadvertidamente aceitando a caracterização dos oportunistas social-imperialistas quando nos critica dizendo que, por defendermos um combate aberto contra os rebeldes em face à sua ação coordenada com o imperialismo, estaríamos nos enfrentando com "a base", dentre a qual seria supostamente "mais fecunda" a luta para a construção de uma vanguarda revolucionária.

A LER-QI acredita, tal qual os oportunistas que ela criticou (principalmente o PSTU), que a base de apoio do Conselho Nacional de Transição líbio era de alguma forma progressista. Como apontamos em nossos artigos anteriores sobre o assunto, é fundamental diferenciar possíveis ilusões que tenham surgido na população a respeito das promessas de democracia dos elementos e ações concretos realizados pelos que compunham o exército dos rebeldes: os atos brutais de racismo perpetrados, a coordenação com a intervenção da OTAN, a confiança nas potências imperialistas, e a tomada do poder por setores da burguesia escudados em um fundamentalismo religioso grotesco.

É importante lembrar que nossa defesa militar do regime da nação oprimida no caso líbio diz respeito ao seu confronto com os veículos aéreos não-tripulados e os aviões de bombardeio das potências imperialistas, as tropas do aparato rebelde (armados pela OTAN) e os especialistas militares imperialistas. Frente, por exemplo, às perseguições que o regime de Kadafi realizou contra populações civis desarmadas e movimentos de trabalhadores independentes, nos posicionamos ao lado destes últimos, assim como mantemos nossa oposição política intransigente a tudo que tal ditador representava politicamente: acreditamos que este devia ser derrubado pelo proletariado, e não pelas potências imperialistas e seus lacaios locais.

Mas os rebeldes líbios não eram parte de um "levante de massas" (como a LER-QI considera que ocorria, mesmo reconhecendo que foi "desviado" pelos interesses imperialistas). A mesma indecisão da LER-QI pode ser visto no caso da Síria (onde a intervenção imperialista ainda não aconteceu):

> "Contra aqueles que veem o regime de Assad como progressista e anti-imperialista e afirmam que não está reprimindo uma luta popular, mas defendendo-se da tentativa dos EUA e Israel de derrotá-lo, sustentamos que ***na Síria há em curso uma luta legítima contra um regime ditatorial*** que estourou em março de 2011 como parte do processo mais geral da 'primavera árabe'."
>
> "Este levantamento popular tem profundas motivações democráticas e sociais. Ante a repressão brutal de Assad, ***o levantamento popular se militarizou***, e ***ainda que persistam elementos da rebelião que sacudiu o regime, sobretudo os conselhos locais que organizam a vida cotidiana em cidades sob controle da oposição ou a Coordenação de Comitês Locais*** surgida no início dos levantamentos, os que estão ocupando o centro da cena no plano militar são organizações como o Exército Sírio Livre, que atua patrocinado pela Turquia, e em última instância conta com o apoio do imperialismo norte-americano." (Ênfase nossa)
> — *Abaixo a ditadura de Assad, fora Israel e o imperialismo da Síria*, 30 de maio de 2013.
> http://www.ler-qi.org/Abaixo-a-ditadura-de-Assad-Fora-Israel-e-o-imperialismo-da-Siria

Duas coisas se misturam aqui. Em primeiro lugar, está a crítica correta às correntes stalinistas e nacionalistas terceiro-mundistas que apoiam Assad e consideram seu regime "anti-imperialista" e "progressivo". Porém, não é verdade que a guerra civil na Síria consiste apenas em uma luta entre Assad e um "levante popular" que "se militarizou". Não se deve confundir os protestos por democracia que aconteceram na Tunísia, no Egito e mesmo (em um primeiro momento) na Síria, sob o contexto da "Primavera Árabe", ou o ódio justo do povo contra Assad, com a formação de um exército sob a liderança de setores burgueses e a guerra que há anos se desenrola no país.

Uma vez estabelecido enquanto força beligerante dirigida pelo CNS, o Exército Livre Sírio é um conjunto de milícias que, apesar de heterogêneo, é um aparato armado controlado pela burguesia. A luta dos rebeldes associados ao ELS não pode ser confundida ou considerada parte de uma "luta legítima contra um regime ditatorial", mas um ***desvio*** de qualquer anseio realmente progressivo contra Assad. Mesmo os Comitês Locais de Coordenação, que a LER-QI afirma representarem atualmente a persistência dos "elementos da rebelião que sacudiu o regime" inicialmente, integram há tempos o CNS, estando submetidos à sua direção burguesa e pró-imperialista. O mesmo vaivém pode ser visto no parágrafo que destacamos no começo deste artigo. Apesar de ter sido "desviado e controlado pelas direções burguesas aliadas ao imperialismo", seguia

havendo um suposto "levante das massas" contra Kadafi.

A LER-QI também concede que os trabalhadores se localizem no campo militar dos rebeldes:

> "Apoiar consequentemente a luta de todos que querem derrubar Assad passa por colocar abertamente que não, os trabalhadores e o povo não podem ter nenhuma confiança nestes setores *[o CNS e a direção do Exército Livre Sírio]*, ***ainda que se localizem em seu campo militar***, pois caso a ditadura síria caia rapidamente trairão aqueles que lutaram em nome de melhores condições de vida e libertação do jugo da burguesia local e imperialista." (ênfase nossa).
> — *Abaixo a intervenção imperialista na Síria!* 3 de setembro de 2013.
> http://ler-qi.org/Abaixo-a-intervencao-imperialista-na-Siria

Os revolucionários chamam os trabalhadores a defender um lado militar numa guerra sempre que isso implica defender seus interesses. Defendemos direitos democráticos sob ataque no caso de um golpe reacionário contra a democracia burguesa; defendemos os Estados operários deformados contra tentativas contrarrevolucionárias de restauração capitalista; defendemos as nações oprimidas contra o imperialismo e seus lacaios, como foi o caso da Líbia em 2011 (defesa da qual a LER-QI vergonhosamente se absteve ao não tomar o lado do regime da nação subjugada).

Tomamos essas posições não como fins em si mesmos, mas como forma de avançar a luta pela revolução socialista. Porém, é do interesse dos trabalhadores (seria uma vitória parcial) ver derrotados os imperialismos numa guerra contra uma nação oprimida ou contra um Estado operário deformado, mesmo que isso não signifique de imediato um triunfo revolucionário. Mas qual é o interesse dos trabalhadores em ver um triunfo militar dos rebeldes na Síria? Se a LER-QI rejeita a falácia morenista da "revolução democrática" **[4]**, por que concorda em estar do lado militar de uma investida contra Assad que visa, na "melhor" das hipóteses, apenas reconstruir a ditadura da burguesia?

Essas são perguntas que LER-QI não tem como responder sem cair em contradição. De fato, se sabe que os rebeldes, caso vençam a guerra civil, "rapidamente trairão aqueles que lutaram em nome de melhores condições de vida e libertação do jugo da burguesia local e imperialista", então porque considera que os trabalhadores podem se localizar no seu campo militar? Isso muito se parece com a receita morenista, que sabe que as investidas de movimentos burgueses resultarão na manutenção da ordem capitalista e em traições, mas mesmo assim os apoia. Em 2011 na Líbia, os trabalhadores tinham algo a ganhar ao lutar contra o bloco OTAN/rebeldes: iriam impedir uma opressão e exploração ainda maior do seu país (e poderiam aproveitar isso para preparar a luta decisiva pela revolução proletária contra Kadafi). O que os trabalhadores sírios tem a ganhar tomando o lado militar do exército rebelde? Substituir um regime ditatorial por outro igualmente repressor para os trabalhadores? (ou existe alguma confiança nas supostas credenciais democráticas da corja burguesa do CNS?).

Na Síria, os revolucionários tem o dever de defender os trabalhadores e populações civis atingidas tanto por Assad e quanto pelos rebeldes, e de preparar um movimento proletário contra ambos essas forças burguesas. Não aconteceu ainda na Síria um ataque imperialista que levasse os revolucionários a tomar o lado militar daqueles que se opuserem a tal intervenção. Porém, é inegável que as tropas do ELS são aspirantes diretas a "tropas terrestres" das potências imperialistas **[5]**. Os revolucionários não podem estar "no campo militar" dos rebeldes, e tampouco estar em "alianças tático-militares" com eles (como a LER-QI hoje defende que era possível na Líbia). A séria ameaça de intervenção imperialista na Síria no fim de 2013 deveria ter deixado isso ainda mais claro!

Ao contrário, para lutar por uma saída revolucionária na Síria, é preciso chamar os trabalhadores que apoiem os rebeldes a ***romperem*** imediatamente com tal movimento e não lhe prestar nenhum auxílio em seus intuitos reacionários. Na guerra civil que se desenrola, a luta dos rebeldes é para derrubar Assad para manter a Síria submetida ao imperialismo: não é um movimento amplo com intenções progressivas (e onde seja possível o debate) no qual os revolucionários influiriam para oferecer um rumo anticapitalista, mas sim um exército controlado por cúpulas burguesas.

A raiz dessa posição vacilante da LER-QI é a sua caracterização flutuante dos movimentos rebeldes que surgiram Líbia e na Síria. Vimos acima que os rebeldes na Líbia teriam, na opinião anterior da LER-QI, cumprido o papel de "tropas terrestres" das potências imperialistas. Mas, em sua nota de crítica dirigida a nós, a LER-QI defende a "possibilidade de alianças tático-militares" com esses mesmos rebeldes em meio a uma intervenção imperialista. Imaginamos que nenhum militante da LER-QI defenderia "alianças tático-militares" com "tropas terrestres" do imperialismo, e nem achamos que essa foi a intenção de tal declaração. Tal absurdo flui do fato de que ora os rebeldes são caracterizados como um aparato militar burguês (que pode colaborar com o imperialismo),

Igreja destruída em Sadad, cidade com predominância de Cristãos Ortodoxos: ***os "rebeldes" tem massacrado civis não-islâmicos aos milhares por motivos puramente religiosos, deixando claro o caráter fundamentalista e reacionário de tal setor e a impossibilidade de alianças com o mesmo*** **[hrw.org].**

e ora como algum tipo de força popular lutando contra a ditadura, ainda que sua liderança seja burguesa.

A LER-QI e a construção do partido revolucionário na Líbia e na Síria

Enquanto o PSTU tem toda uma teoria revisionista para basear sua posição de apoiar qualquer força que tenha popularidade contra um regime burguês (por mais reacionária que seja tal força), a LER-QI fica perdida em cima do muro, balançando entre a dúvida acerca do caráter imperialista que o conflito líbio assumiu e um impulso oportunista de conceder estar "no campo militar" de um movimento tão embelezado entre setores da esquerda. Nós defendemos também a formação de um movimento proletário "independente das distintas frações burguesas". Mas diante de uma intervenção imperialista (que também segue um risco no caso da Síria), uma tarefa central de um movimento como esse seria esmagar o imperialismo e suas "tropas terrestres", ainda que para isso fosse necessário lutar ao lado das tropas leais ao regime em determinado momento.

A Fração Trotskista parece acreditar que defender possíveis "alianças tático-militares" com os rebeldes na Líbia e conceder que os trabalhadores podem "se localizar no campo militar" deles na Síria contribui para a construção do partido revolucionário. De fato, ela diz que as correntes que, como nós do Reagrupamento Revolucionário, tomaram o lado militar do regime líbio contra o bloco da OTAN/rebeldes, erraram porque foram contra a base em meio a qual "seria mais fecunda a luta política para colocar de pé um setor de vanguarda da classe trabalhadora com uma política independente das distintas frações burguesas".

Essa posição da LER-QI parte de um objetivismo desastroso no que diz respeito à construção da vanguarda revolucionária. De que forma a política trotskista de defesa da nação oprimida atrapalha a construção do partido revolucionário e por que essa intenção "seguia sendo", apesar de tudo que se desenvolveu no país, supostamente "mais fecunda" entre a base de apoiadores dos rebeldes? Concretamente, discordamos que a base social dos rebeldes, politicamente pró-imperialista e sem qualquer delimitação de classe, pudesse ser considerada o sujeito social de uma revolução socialista, ou fértil para a construção do partido revolucionário.

Em linhas gerais, as posições trotskistas podem ter certa impopularidade temporária. Muitos poderiam achar que defender militarmente Kadafi ou Assad (no caso de intervenção na Síria) contra o imperialismo seria capitular ao tirano. Muitos não compreendem que não queremos que esses ditadores sejam derrubados pelos rebeldes, ***justamente*** porque defendemos que eles devem ser derrubados ***por uma revolução proletária autêntica***. O PSTU, com o método que lhe é característico, não poupa acusações de "capitulação ao ditador" a todos aqueles que não seguem a sua cartilha objetivista da "revolução síria", supostamente uma "revolução socialista inconsciente".

Enquanto nós não sabemos as condições específicas nas quais o partido revolucionário será construído na Líbia ou na Síria, o que sabemos com toda certeza é que esse partido não será forjado por aqueles que temem a impopularidade temporária ou capitulam às ilusões de setores da população aceitando que estes tomem o lado dos rebeldes. Nem esse partido será construído se abstendo da tarefa leninista de tomar o lado da nação oprimida contra uma intervenção do imperialismo (ao mesmo tempo em que se mantém as denúncias e o combate político contra seu regime).

Além do mais, não se deve subestimar as possibilidades da política marxista. Na Líbia atual, onde os imperialistas e seus aliados nativos obtiveram sucesso em derrubar o regime (sob o aplauso de muitos revisionistas), a situação não poderia ser mais desesperadora para a classe trabalhadora **[6]**. O fator objetivo da derrota é terrível para os trabalhadores líbios, mas muitos poderiam se lembrar de uma organização de vanguarda que alertasse de antemão para o fato de que a vitória militar dos rebeldes não levaria a nenhuma conquista democrática ou social, muito pelo contrário.

Quando esse prognóstico se demonstrasse acertado, isso iria aumentar significativamente a autoridade dos revolucionários. Apesar dos seus graves erros em não tomar o lado militar do regime líbio na guerra contra a OTAN e em confundir os rebeldes como parte de um "levante de massas" legítimo, a LER-QI estava correta na época ao expor aqueles oportunistas que consideraram a vitória imperialista uma "tremenda vitória revolucionária". Os trabalhadores líbios iriam querer entender porque agora ela está reivindicando a "possibilidade de alianças tático-militares" com os rebeldes que os tem massacrado desde que chegaram ao poder.

NOTAS

[1] Para nossas diferenças com a SL e sua recente capitulação ao imperialismo norte-americano, conferir *A Liga Espartaquista Apoia as Tropas Americanas no Haiti,* de 15 de fevereiro de 2010. Disponível em http://regroupment.org/main/page_slhaiti_portugus.html

[2] Conferir *PSTU, Fração Trotskista e a defesa da Líbia contra o Imperialismo*, de novembro de 2011. Disponível em http://regroupment.org/main/page_pstu_lerqi__libya__portugus.html

[3] Cabe ressaltar que, em dois artigos mais recentes, escritos após termos preparado a versão inicial desta polêmica, a LER-QI buscou se esquivar dessa posição reafirmando abstratamente a necessidade de defender as nações oprimidas no caso de ataques imperialistas.

Imigrantes negros, principalmente nigerianos, tem sido sistematicamente perseguidos e encarcerados pelo novo regime líbio: ***não se deve esperar nada muito diferente caso os "rebeldes" sírios cheguem ao poder, substituindo um ditador burguês por outro.*** **[Yahoo News]**

Está claro que sua falta de firmeza na caracterização do conflito líbio e sua posição dúbia – de não ter tomado o lado militar de uma nação que foi brutalmente atacada por várias forças imperialistas e que teve reforçada as "duplas correntes" que oprimem seu povo – tem gerado algum mal estar interno.
Nesses artigos mais recentes, a LER-QI tenta recuperar certo ar ortodoxo e fala ostensivamente em defender as nações oprimidas e também em combater os imperialistas e seus aliados "rebeldes" na Líbia, mas mantém toda a nebulosidade ao falar da estratégia de derrotar Kadafi sem deixar claro que, frente à investida da OTAN, havia se tornado uma tarefa revolucionária defender a vitória militar de suas tropas, que apresentaram resistência ao ataque imperialista.

Conferir *Os marxistas frente à guerra civil e o caso sírio* e *As guerras de nossa época e a política dos revolucionários*, ambos de dezembro de 2013. Disponíveis em:
http://www.ler-qi.org/Os-marxistas-frente-a-guerra-civil-e-o-caso-sirio
http://www.ler-qi.org/As-guerras-de-nossa-epoca-e-a-politica-dos-revolucionarios

[4] Para o leitor não familiarizado com a tradição morenista, recomendamos a leitura de nossa polêmica com a CST (PSOL) sobre a Síria, *Movimento dirigido pela oposição burguesa ou "revolução democrática"?* Disponível em:
http://regroupment.org/main/page_cst_syria__portugus.html

Também nossa polêmica com a FT, *Fração Trotskista (LER-QI) e sua ruptura incompleta com o morenismo*. Disponível em: http://regroupment.org/main/page_ft__portugus.html

[5] Para mais sobre as posições do Reagrupamento Revolucionário sobre a guerra civil que se desenrola na Síria e a ameaça imperialista, conferir *"O Conflito Sírio e as Tarefas dos Revolucionários"* e *"Acerca dos recentes eventos na Síria"*, disponíveis em:
http://regroupment.org/main/page_syria__portugus.html
http://regroupment.org/main/page_syria_9313__portugus.html

[6] Na ocasião, nós do Reagrupamento Revolucionário publicamos a nota "*Derrota para os Trabalhadores na Líbia. Combater o Governo do Conselho Nacional e o Imperialismo!"*
http://www.regroupment.org/main/page_libya__portugus.html

NOTA DOS EDITORES

O presente livreto é uma versão expandida do material anteriormente publicado no segundo semestre de 2011, sob o nome "Líbia e a Esquerda". Ao original foram adicionados os artigos do Reagrupamento Revolucionário acerca do conflito em curso na Síria, que possui muitos pontos em comum com aquele ocorrido na Líbia. *Boa leitura!*